WFIA

Reportagem Exclusiva: Remédio Maldito Gera Monstros no Mundo Ocidental Texto e foto na 8ª página

Leite e Carne: Garantir Tabelamento Punindo Sonegadores e Intervindo Nos Frigoríficos 2ª página Texto na

Ação de Massas Para Solucionar a Crise a Favor do Povo

NOVOS RUMOS

ANO IV — Rio de Janeiro, semana de 10 a 16 de agôsto de 1962 — Nº 182

O país vive hoje uma nova crise política, que se manifesta num momento em que os problemas que angustiam o nosso povo há dezenas de anos são mais angustiantes. O processo espoliativo se acentua e com êle a voragem da inflação. Os paliativos encontrados para solucionar a crise do abastecimento nada resolvem. Não há feijão, os produtores de leite e os grandes frigoríficos manipulam abertamente os preços e negam-se a cumprir o tabelamento governamental. As filas estão aí. Na Guanabara, um governador fascista instaura o império da violência contra os trabalhadores e os estudantes. No campo, latifundiários e policiais praticam assassinatos e cometem as mais vis arbitrariedades contra pobres lavradores que lutam pelo direito à terra. Os acontecimentos dos últimos dias vêm provar que há um nôvo golpe em marcha, anunciado sem rodeios pela imprensa da rua do Lavradio.

Contra isso, o povo já se manifestou em 5 de julho. Hoje, o que está em jôgo não é sòmente a delegação de podêres ao primeiro-ministro ou a realização ou não do plebiscito em 7 de outubro como advogam setores ligados à presidência da República. O que está em jôgo é, principalmente, o caminho a escolher para solucionar os problemas que afligem a nação. E sôbre êles já se manifestaram os trabalhadores de todo o país através de suas confederações, federações e sindicatos, os estudantes que desejam a democratização da Universidade, os camponeses que lutam pela posse da terra, por uma reforma agrária que atenda os seus e os interêsses da nação. E para solucioná-los de acôrdo com os interêsses do povo é que se devem manifestar agora. Leia o Editorial e reportagens na 2a. e 4a. páginas.

NR desmascara o farsante Flávio Cavalcanti

MARIANO BESER É AGENTE PROVOCADOR DA EMBAIXADA IANQUE

O homem da direita, na foto, é Mariano Beser, apontado por Flavio Cavalcanti na televisão como "perigoso agitador comunista" e instrutor de guerrilhas. O outro, embora esteja à esquerda, não é nenhum agente do "bolchevismo internacional" vindo de Praga ou Havana para orientar Beser no seu trabalho de solapar as "instituições democráticas"; trata-se nada mais nada menos, do adido trabalhista da embaixada dos Estados Unidos no Brasil. O funcionário americano é o elemento de ligação entre Mariano Beser e o Ponto IV, organização que estipendia a insinuação de Beser entre camponeses de Minas e do Estado do Rio, onde foi colhido, o flagrante. Tanto a presença do assalariado da embaixada ianque entre os lavradores, como o programa de Flávio "contra o comunismo" na TV, fazem parte de um esquema destinado a provocar o desencadeamento de uma ação repressiva contra as organizações camponesas e o movimento democrático no Brasil.

Texto na 4a. página.

Artigo de Julião e esclarecimento de NR

Publicamos na 3a. página desta edição um artigo que nos foi enviado pelo deputado Francisco Julião em resposta ao artigo "Teses Errôneas e Nocivas", de Giocondo Dias, divulgado no nº 176 de NOVOS RUMOS.

Devemos esclarecer que são inteiramente destituídas de fundamento as alusões feitas pelo sr. Francisco Julião às circunstâncias em que êste jornal publicou tanto a entrevista do presidente da ULTAB, Lindolfo Silva, como o artigo de Giocondo Dias. Não sabemos a que atribuir essa atitude do sr. Francisco Julião. Cabe-nos, por isso, apenas estranhá-la.

Adiantamos aos leitores que na próxima semana publicaremos nôvo artigo de nosso companheiro Giocondo Dias esclarecendo, mais uma vez, a posição dos comunistas diante dos problemas suscitados pelo deputado Francisco Julião.

O CAMINHO

Fragmon Carlos Borges

MAIS uma vez a Nação está às voltas com nova crise política. Uma nova crise ou a mesma crise em que há anos está mergulhado o país? Duas questões são apresentadas como motivo da crise "atual": plebiscito e delegação de poderes. O Governo deseja a realização imediata da consulta popular sobre a instituição do parlamentarismo. As fôrças mais reacionárias, dentro e fora do Congresso, pensam o contrário. O Govêrno diz que só pode enfrentar e resolver os problemas do povo se dispuser de podêres especiais. Aquelas fôrças reacionárias também pensam de maneira diferente a êsse respeito.

NÃO VEMOS por que localizar aí as causas reais da crise brasileira. Suas causas reais e profundas se encontram na crescente espoliação imperialista e na sobrevivência do latifúndio semifeudal. São o latifúndio e a espoliação imperialista que impedem o desenvolvimento independente da economia nacional e o encaminhamento da solução dos problemas básicos que afligem as grandes massas populares.

NO ENTANTO aquelas duas questões são da maior importância. Por que essa gritaria contra a realização imediata de um plebiscito? Naturalmente, os trabalhadores e as massas populares sabem muito bem que a solução de suas dificuldades não depende da consulta plebiscitária. Mas nada justifica essa tremenda campanha que as fôrças reacionárias desencadeiam contra essa consulta. Mêdo do povo? O povo precisa e deve ser ouvido, já que não o foi quando há um ano atrás o regime foi abruptamente alterado. O plebiscito é uma medida democrática. E justa a sua antecipação. Por que esperar? Por que não realizar agora essa consulta?

QUANTO à delegação de podêres, a questão nos parece um pouco mais complexa. Será realmente indispensável essa delegação para que o Govêrno adote medidas em benefício do povo? Para que congele os preços dos gêneros de primeira necessidade? Para que intervenha no mercado, localize os especuladores e meta-os na cadeia? Para que encampe emprêsas estrangeiras como frigoríficos, laboratórios e outras? Para que limite ou suspenda imediatamente a remessa de lucros para o exterior? Para frear o processo inflacionário? Acreditamos que não.

ADEMAIS, não se sabe ainda, concretamente, que podêres especiais o Govêrno deseja, e quais as suas finalidades. Os trabalhadores e as fôrças populares não podem apoiar um pedido de delegação de podêres que ninguém conhece, [illegible] é indispensável [illegible] ciais que o Govêrno deseja são para [illegible] medidas como as acima citadas, naturalmente contará com o apoio do povo. Se fôr para iniciar, imediatamente, o processo de reforma agrária, até que a Constituição seja modificada, está bem. Os podêres especiais que o Govêrno deseja e diz necessitar devem ser, assim, definidos. Precisados. Para que o povo possa opinar sôbre os mesmos e adotar a posição que melhor consulte aos seus interêsses.

ALÉM disso, acreditamos ser necessário deixar claro que a simples delegação de podêres não é suficiente para que os trabalhadores tenham solucionados os seus problemas fundamentais, para que seja golpeada fundo a espoliação imperialista e iniciada a liquidação do latifúndio. Realmente, que pode fazer nesse sentido um Gabinete onde pontificam homens como Moreira Sales e Renato Costa Lima, representantes dos grupos econômicos mais reacionários e estreitamente vinculados aos trustes norte-americanos?

A SOLUÇÃO dos problemas fundamentais da Nação exige medidas mais radicais. Exige a constituição de um govêrno nacionalista e democrático. Um govêrno do qual não participem representantes dos trustes e do latifúndio como Moreira Sales e Costa Lima. Não é com meias soluções, não é conciliando com os piores inimigos de nosso povo que os srs. João Goulart e Brochado da Rocha conseguirão superar a crise em que o país está mergulhado. Ao contrário. O prosseguir nessa política de conciliação só pode agravar ainda mais as dificuldades. Isso é o que os comunistas vêm dizendo desde a crise de agôsto do ano passado e a formação do Gabinete Tancredo Neves. Esses doze meses mostraram que tínhamos razão. Que se fêz? Nada.

POR outro lado, essa política de conciliação e a conseqüente não solução das dificuldades que angustia o nosso povo só pode levar, e está levando, lenha à fogueira de que há de mais retrógrado e antinacional em nossa Pátria. A fascistas como Lacerda, Herbert Levy ou Menezes Côrtes que apelam abertamente para a supressão das liberdades democráticas, o golpe de direita e a ditadura terrorista.

A EXPERIÊNCIA nos ensina que a solução dos problemas não pode ficar a mercê dos conciliábulos, das manobras, negociações e transigências das cúpulas partidárias. De costas voltadas para o povo e longe de sua vigilância, essas cúpulas nada resolveram até agora e nenhuma medida adotarão que atenda, realmente, aos interêsses populares. Os trabalhadores e as massas populares devem participar ativamente do debate dêsses problemas, adotar a posição que melhor consulte aos seus interêsses e lutar enèrgicamente para que soluções sejam tomadas de acôrdo com suas aspirações. Só a luta de massas através dos sindicatos dos trabalhadores, das organizações camponesas, estudantis e populares pode garantir, defender e ampliar as liberdades democráticas e levar os srs. João Goulart e Brochado da Rocha a adotarem as medidas que o povo e a Nação reclamam.

Exposição da RDA em São Paulo mostra técnica mais moderna

Reportagens na 7ª página

Confederações e Federações apóiam Congresso de Libertação Nacional

Texto na 2ª página

Parlamentares e Intelectuais: Registro do PCB é Imperativo Para Democracia no Brasil

Texto na 4ª página

OPERÁRIOS NAVAIS EXIGEM PAGAMENTO DOS ATRASADOS E DENUNCIAM SUBVENÇÕES

Texto na 2ª página

Reunião Hoje na CNTI: Dirigentes Sindicais Vão Discutir a Crise

Texto na 4ª página

Álvaro Lins fala a NR: desarmamento

Afirmando que o desarmamento geral e completo de tôdas as nações é o caminho mais rápido para a obtenção da paz mundial, o embaixador Alvaro Lins (foto), escritor e professor de renome internacional, chefe da delegação brasileira ao Congresso Mundial pelo Desarmamento Geral e pela Paz, há pouco encerrado em Moscou, concedeu uma entrevista exclusiva a NR, alinhando importantes considerações sôbre aquela grande assembléia e sôbre a suprema conquista almejada por todos os povos da terra, a paz. As declarações de Álvaro Lins estão na página 5, onde o leitor encontrará também uma mensagem de Jorge Amado ao Congresso pelo Desarmamento, ao qual não pôde comparecer.

SÃO PAULO SERÁ CAPITAL DA LIBERTAÇÃO NACIONAL: DIAS 21, 22, 23 E 24

Visando estabelecer as bases de formação de uma ampla e sólida frente única nacional de luta pela emancipação econômica e política do país e o apressamento das transformações estruturais que a nossa realidade exige, reunir-se-á em São Paulo, durante os dias 21, 22, 23 e 24 de agôsto em curso, o I Congresso de Libertação Nacional.

A grande assembléia popular conta com participação de todo o movimento sindical, das organizações camponesas, das entidades estudantis, das organizações femininas e populares, de vários partidos e correntes políticas e da intelectualidade progressista e democrática. Os governadores Leonel Brizola, do Rio Grande do Sul; Mauro Borges, de Goiás; Gilberto Mestrinho, do Amazonas; Chagas Rodrigues, do Piauí; além de deputados federais e estaduais e de prefeitos e vereadores de grande número de municípios, assinaram o manifesto de convocação do congresso e dão à concentração o seu apoio.

ORDEM DO DIA

O I Congresso de Libertação Nacional discutirá: 1 — Defesa das liberdades democráticas e luta pela legitimidade da representação do povo no parlamento; 2 — Emancipação econômica e política exterior de acôrdo com os interêsses da soberania nacional; 3 — Desenvolvimento independente de nossa economia; a) reforma agrária, b) industrialização do país; 4 — Eliminação do analfabetismo, expansão do ensino público e da cultura nacional; 5 — Melhoria imediata das condições de vida do povo brasileiro.

Estarão representadas no conclave tôdas as categorias de trabalhadores, camponeses, estudantes, mulheres, parlamentares e intelectuais de todos os Estados, além de membros do comércio e da indústria. Foram convidados delegados fraternais da Argélia, de Angola e de Cuba.

Na sexta página, reportagem da convenção da Guanabara de preparação ao Congresso de Libertação Nacional e artigo de Carlos Marighella sôbre o grande encontro.

Juiz Liberta Rachid e Manda Processar Polícia de Lacerda

Mechando Rachid, presidente do Sindicato dos Rodoviários da Guanabara foi pôsto em liberdade, juntamente com outros quatro companheiros seus, na última têrça-feira, por determinação do juiz Pedro Ribeiro de Lima, da 9.ª Vara Criminal, numa decisão que desmascara tôda a provocação do processo-farsa movido contra cêrca de 60 trabalhadores do volante, acusados pelo governador Lacerda de crime contra a Lei de Segurança Nacional, pelo fato de haverem participado da greve por melhores salários, deflagrada na manhã do dia 10 de julho último.

JUIZ DENUNCIA

Denunciando a provocação feita pela polícia do governador da Guanabara contra os grevistas, na base de falsos testemunhos, o juiz Pedro Ribeiro de Lima salientou em seu despacho, que devolveu à liberdade o líder rodoviário: "a inquirição de testemunhas acusatórias revelou-me a ilegalidade da prisão, que antes não percebera. Isto porque a descrição do estado de fragrância, que me forneceu o auto, foi por mim considerada não capciosa, ou feita ardilosamente para enganar o juiz, honesta, em suma, escorreita, como se espera da conduta de autoridade ou de agente seu." "Mas os testemunhos ouvidos em juízo — continua — patentearam a malícia e a reserva mental que marcaram as primeiras declarações do condutor. O chefe da turma que não poderia atestar pessoalmente a flagrância, nem apresentava quem pudesse abster-se de esclarecer que apenas dispunha de informações anônimas sôbre infração penal pretérita, e fazendo crer que a presenciara, limitou-se a relatar, sibilinamente, que a constatou; e o juiz, partindo daquela presunção de honestidade, recebeu o têrmo com significativo de observação direta, equivalente a viu. Por isso, anulou o flagrante, conforme manda a Constituição, art. 141, parágrafo 22, relaxando a prisão dos acusados". Mandou que se prossiga com os testemunhos de defesa, "pois embora nulo o flagrante subsiste o que apreciar quanto ao mérito da acusação."

DIREITO DE GREVE

Na última sexta-feira, outro juiz, Alcino Nogueira, da 24.ª Vara Criminal, havia julgado e absolvido mais três rodoviários, em sentença na qual declarou "ser a greve um direito indiscutível e incontestável."

SOLIDARIEDADE

Continua, dêsse modo, ao calor do amplo movimento de solidariedade que se formou na Guanabara e em todo o país, em favor dos trabalhadores presos e ameaçados de prisão na Guanabara, a ser desmascarada e denunciada pelo próprio judiciário, tôda a farsa policial que o governador Lacerda mandou instaurar contra os líderes sindicais. O movimento de solidariedade deve continuar até que seja libertado o último rodoviário prêso e anulada a ameaça que ainda pesa sob o Comando Geral da Greve de 5 de Julho, também envolvido pela polícia carioca na provocação contra os ferroviários.

A propósito, na última quinta-feira, dia 2, trabalhadores de tôdas as categorias profissionais da Guanabara, reunidos na sede do Sindicato dos Têxteis, prestaram calorosa homenagem ao Comando Geral da Greve de 5 de Julho, cujos membros foram indiciados no inquérito instaurado na 22.ª Vara Criminal contra os rodoviários. Foi constituída, na referida reunião, uma equipe de mais de 30 advogados, encarregada de acompanhar e denunciar, no judiciário, a provocação lacerdista ao mesmo tempo que se decidiu lançar uma proclamação aos trabalhadores de todo o país, para que se mantenham organizados e alertas, prontos a responder, com ações enérgicas, a qualquer violência praticada contra os membros do Comando Geral da Greve de 5 de Julho.

Murro em Ponta de Faca

Roberto Morena

As tentativas e as ações movidas pelo governador do Estado da Guanabara, o traidor do povo brasileiro, Carlos Lacerda, contra os trabalhadores e o movimento sindical, representam um ato de desespêro, diante da derrota que os golpistas e entreguistas sofreram com a greve vitoriosa do dia 5 de julho.

Pretende aplicar os dispositivos da Lei de Segurança e do Código Penal aos que participaram da campanha de preparação da greve e sua realização. Junto a essas medidas de intimidação policial, mobiliza seu aparelho de propaganda, bem nutrido pelos recursos da "Aliança para o Progresso" CONCLAP e outros meios que lhe são oferecidos pelas fôrças econômicas reacionárias, para criar pânico, difundir calúnias e insultos, além de suas conhecidas provocações.

O objetivo dessa camarilha é levar a direção do movimento a tomar posição e atitudes que convenham às suas provocações e seus planos. Mas o conhecido agente imperialista está dando murros em ponta de faca. Quem orienta, dirige e organiza as fôrças dos trabalhadores, são os dirigentes em que os operários depositam confiança, como se comprovou em 5 de julho, por ocasião da greve geral.

Em defesa das liberdades democráticas e sindicais, do constitucional direito de greve, da participação efetiva e militante dos trabalhadores na vida política do país, erguem-se as massas trabalhadoras e suas organizações sindicais. Ao lado dos trabalhadores e os dirigentes sindicais, está a opinião pública, e, nos tribunais, os defensores jurídicos das prerrogativas constitucionais dos trabalhadores. Constituiu-se uma Comissão de Defesa Jurídica, que já conta com mais de quarenta advogados.

Contra essas ameaças, contra essas ações reacionárias, torna-se necessário um amplo e profundo movimento de defesa das liberdades democráticas, sindicais e do direito de greve, exigindo-se liberdade para todos os presos políticos, a anulação dos processos que estão sendo forjados e, ao mesmo tempo que se inicie uma luta para a revogação da Lei de Segurança, do Decreto-Lei 9.070 e de dispositivos reacionários do Código Penal.

Com a fôrça vitoriosa do dia 5 de julho, com a unidade obtida, com o valor do movimento sindical, derrotaremos mais uma vez os reacionários, inimigos dos trabalhadores e do povo, assegurando as liberdades democráticas.

Que em todos os sindicatos e federações se levante e se organize essa campanha e êsse movimento, para continuar o caminho vitorioso de 5 de julho.

ADESÕES EM MASSA À REUNIÃO NACIONAL DE SÃO PAULO

Confederações e Federações Nacionais Apóiam Encontro: Apêlo à Participação Total

Trabalhadores de tôdas as categorias profissionais estarão representados no IV Encontro Sindical Nacional, a realizar-se em São Paulo, durante os dias 17, 18 e 19 do corrente. Precedido de assembléias e de conclaves municipais, estaduais e regionais, o IV Encontro deverá expressar, com tôda autenticidade, o pensamento das massas trabalhadoras sôbre os seus problemas mais específicos, entre os quais os relacionados com os reajustamentos salariais e do salário mínimo em particular, a unidade e a organização sindical, a carestia e a inflação. Deverá expressar, do mesmo modo, o pensamento das massas assalariadas sôbre a situação política nacional e a continuidade da luta do movimento sindical brasileiro por um govêrno nacionalista e democrático.

SALÁRIO MÍNIMO

Do ponto de vista das reivindicações de caráter econômico mais imediatas, ressalta-se a da revisão dos atuais níveis de salário mínimo como uma das mais salientes. Elevado de 40% a partir de 18 de outubro de 1961, o salário mínimo começou a perder substância imediatamente, face à contínua elevação do custo da vida. O próprio SEPT (Serviço de Estatística e Previdência do Trabalho), assinala que o custo da vida subiu 47% no período compreendido entre setembro de 1961 e junho de 1962, na Guanabara. Ora, o aumento de 40%, em vigor desde 18 de outubro de 1961, foi baseado na elevação do custo da vida até setembro do mesmo ano. Se as autoridades consideraram que em outubro de 1961 os salários ficaram reajustados aos níveis de elevação do custo da vida até setembro, elas mesmas, através de estatísticas oficiais, teriam de reconhecer que, em junho de 1962, tornava-se necessário um nôvo aumento de 47% no salário mínimo, para manter o mesmo valor real do referido salário. Durante os meses de junho, julho e agôsto novos aumentos ocorreram, o que torna mais gritante o desequilíbrio entre os atuais níveis de salário mínimo e o custo da vida.

Por certo, os dirigentes sindicais de todo o país, reunidos em São Paulo, não deixarão de examinar essa situação e de lançar as bases para uma campanha de grande envergadura, em todo o território nacional, visando não só ao reajustamento do salário mínimo, imediatamente, mas a revisão do zoneamento das áreas de salário mínimo, que sempre foi uma justa reivindicação dos trabalhadores, notadamente os do Norte e Nordeste, prejudicados com o critério vigorante.

ORGANIZAÇÃO

O problema da organização sindical será outro assunto de grande importância e atualidade que se apresentará no Encontro de São Paulo. A intensificação das lutas reivindicatórias do proletariado, o agravamento generalizado das condições de vida de operários de tôdas as categorias profissionais e a crise econômica, política e social que a nação enfrenta, levam os trabalhadores a procurar as formas mais adequadas para a sua organização, capazes de corresponder à necessidade de sua participação na luta pela solução dêsses problemas.

A iniciativa criadora das massas sobrepôs-se às limitações da legislação vigorante e consagrou as organizações intersindicais, cujos nomes são muito variados, como forma adequada para a unificação do movimento sindical em tôrno da luta pela solução de determinados problemas. Surgiu, com base nas intersindicais existentes em municípios, Estados, regiões até mesmo nacionalmente, como o Pacto de Unidade e Ação, que congrega marítimos, portuários, ferroviários e estivadores, o Comando Nacional da Greve de 5 de Julho. Nada melhor que o êxito da greve do 5 de Julho para expressar a autenticidade do Comando, naquela oportunidade.

Para tratar das novas formas de organização destinadas a promover a unidade dos trabalhadores de tôdas as categorias profissionais, em âmbito nacional, os líderes sindicais que se reunirão em São Paulo terão os elementos indispensáveis à formação de sua opinião, na própria estruturação do Comando Nacional da Greve e nas organizações intersindicais existentes em todo o País.

PROGRAMA DE LUTA

Como conseqüência da situação dos trabalhadores ante as lutas que se travam no País entre as fôrças favoráveis e as contrárias às reformas de base e ao desenvolvimento econômico, político e social de nossa pátria, surgiram, no processo da luta das massas assalariadas, formas novas de organização. Estas, aliás, diga-se de passagem, foram surgindo na medida em que os trabalhadores fixavam o seu programa geral de reivindicações.

O Encontro de São Paulo revela-se, nessas circunstâncias, de uma importância histórica extraordinária. Nêle hão de ficar consagradas duas questões que vêm se delineando no processo da luta, resistindo a tôdas as provas e impondo uma formulação definitiva: 1) o programa de reivindicações econômicas, políticas e sociais dos trabalhadores; 2) a forma adequada de organização capaz de assegurar o êxito da luta pela consecução do referido programa.

Os líderes sindicais, através de sua própria experiência, dispõem de todos os elementos indispensáveis ao debate e à solução dêsses dois problemas, que por certo serão resolvidos em São Paulo.

PROCLAMAÇÃO

Os promotores do Encontro, com assinaturas de representantes de Confederações e Federações de Trabalhadores, lançaram a seguinte proclamação:

«Aos Trabalhadores da cidade e do campo. Às Federações, aos Sindicatos e as Associações Profissionais.

Realizando-se nos dias 17, 18 e 19 de agôsto vindouro, na cidade de São Paulo, o 4º Encontro Sindical Nacional, sob o patrocínio da Comissão Organizadora composta pelos presidente das F. T. I. Metalúrgica, F. T. I. Química e Farmacêutica, F. E. E. Bancários, S. T. I. Gráficas, S. T. I. Papel e Papelão e S. E. E. Ferroviários, dêsse Estado, as entidades nacionais que subscrevemos esta conclamação, apóiam integralmente essa importante iniciativa do movimento sindical paulista.

Os problemas a serem tratados nêsse 4º Encontro são de palpitante atualidade e de interêsse para todos os trabalhadores da cidade e do campo de nossa terra, tais como a nossa posição em face à constante elevação do custo de vida e das questões nacionais e da organização sindical.

Conclamamos tôdas as organizações sindicais a se reunirem e discutirem o temário do 4º Encontro e a escolha de sua representação, o que deve ser feito com a máxima urgência. Divulgar ao máximo o 4º Encontro a fim de que as delegações expressem o pensamento e a vontade dos trabalhadores e de suas organizações.

Comunicamos que tôdas as informações e adesões podem ser enviadas à Secretaria da Comissão Organizadora, à Rua 25 de Março, 144, São Paulo (F. I. I. Química e Farmacêutica) e para as Secretarias das Confederações, Federações Nacionais e Interestaduais que, conjuntamente, com a Comissão Organizadora de São Paulo, auspiciamos o 4º Encontro Sindical Nacional.

Tudo pela unidade, organização dos trabalhadores!

Tudo pelo êxito do 4º Encontro Sindical Nacional!

Rio de Janeiro, GB, 25 de julho de 1962.

(Ass.) Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria — Dante Pellacani, Wilson Barros Leal, Benedito Cerqueira, Júlio Marques da Silva e Júlio Jardim da Silva.

Conf. Nacional dos Trabalhadores nas Emprêsas de Crédito — Huberto Menezes Pinheiro, Luiz Viegas da Motta Lima e Osmildo Stafford da Silva.

Comissão Permanente das Organizações Sindicais do Estado da Guanabara — Hércules Corrêa dos Reis e Roberto Morena.

Federação Nacional dos Trabalhadores em Transportes Aéreos — Paulo de Mello Bastos.

Federação Nacional dos Estivadores — Oswaldo Pacheco da Silva.

Federação Nacional dos Trabalhadores Ferroviários — Raphael Martinelli.

Fed. Interestadual dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino — José de Almeida Barreto.

Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais — Carlos Alberto da Costa Pinto.

Federação Nacional dos Trabalhadores em Transportes Marítimos e Fluviais — Raimundo Castelo de Souza.

Federação Nacional dos Trabalhadores em Emprêsas Telegráficas, Radiotelegráficas e Radiotelefônicas — Wilson Juvenato Reis.

Federação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias Urbanas — Nelson Mendes.

Federação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas — Newton Eduardo de Oliveira.

Federação Nacional dos Empregados no Comércio Armazenador — Severino Naino Schnaipp.

Federação Nacional dos Portuários — Walter Menezes e Felipe Ramos Rodrigues.»

COFAP TABELOU O LEITE E A CARNE: NECESSÁRIO MANTER A MEDIDA E GARANTIR O ABASTECIMENTO

O tabelamento do leite em 40,60 no balcão e 45,00 a domicílio e o congelamento do preço de seus derivados aos níveis vigorantes a 30 de março, assim como o tabelamento da carne, foi um ato positivo da COFAP, que dêsse modo veio a reabilitar-se da especulação havida, particularmente por parte dos intermediários, durante o período da liberação concedida pela direção anterior daquele órgão.

Embora mereça aplausos a atitude da COFAP, convém alertar contra as manobras que já se antevêm, manobras de conciliação com os sonegadores e especuladores, pois o órgão controlador dos preços já admite a possibilidade de deixar os produtos tabelados apenas durante um certo período, curto, findo o qual reexaminaria a questão.

Êsse reexame é absolutamente dispensável pois os estudos realizados para o tabelamento demonstram que os lucros têm sido mais que suficientes, não havendo nenhuma necessidade de aumentar os preços. A COFAP precisa tomar medidas que garantam o cumprimento efetivo de suas resoluções, intervindo mesmo, se fôr o caso, nas companhias distribuidoras do leite e nos frigoríficos.

LUCROS CONFESSADOS

As grandes emprêsas distribuidoras — CCPL e Vigor —, com os vários aumentos nos dois últimos anos, obtiveram lucros fabulosos.

O balanço geral da CCPL em 1959 apresenta um lucro bruto de Cr$ 32.807.441,20; os números, em 1960, chegavam a Cr$ 46.050.196,60; e em 1961 o ativo da companhia atingia a soma de Cr$ 521.683.658,60, para um passivo de Cr$ 354.970.096,10.

A Vigor (Companhia Fluminense de Laticínios) apresentou os seguintes lucros brutos: Cr$ ..... 136.988.188,50 em 1959; Cr$ 212.414.596,30 em 1960; e em 1961 os lucros foram de tal ordem que a companhia pôde distribuir 5 milhões de cruzeiros entre os seus cooperados.

É fácil imaginar como aumentaram os lucros no período em que o produto ficou liberado, quando foi vendido a 60,00 o litro, liberação que desorganizou totalmente a distribuição do leite, já insuficiente em épocas normais, quando chega apenas a 500.000 litros diários para uma população de 4 milhões de pessoas na Guanabara. Houve dias em que essa distribuição alcançou sòmente 170.000 litros.

A liberação beneficiou apenas os intermediários (CCPL, Vigor, etc.), pois enquanto êsses vendiam aos preços já citados, continuavam comprando aos pequenos produtores pelo preço de 15.00, na bacia leiteira. Os grandes produtores não foram prejudicados, porquanto pertencem aos quadros das mesmas companhias, isto é, estão entrosados na intermediação.

LATIFÚNDIO E IMPERIALISMO

O binômio imperialismo-latifúndio se faz presente, com grande parcela de responsabilidade, nas manobras de escassez, sonegação e elevação do preço do leite.

Em todos os países independentes as fábricas de leite em pó estão integradas no sistema de produção, recebendo para industrialização os excedentes do leite "in natura", depois de sua colocação no mercado consumidor.

No Brasil, porém, as fábricas de leite em pó — cuja produção é monopolizada por companhias como Glória, Milk e Nestlé, que é a principal e se diz suíça, embora ligada a um truste da California — têm um contrato, num sistema de quotas, com os produtores. Estes, para garantir os excedentes da safra, entregam às fábricas as mesmas quotas na entressafra, o que faz o leite "in natura" faltar para os consumidores, servindo de argumento para aumentos de preço.

Alegam os produtores que o leite sai caro porque a ração balanceada (farelo industrializado) não é tabelada. Mas a improdutividade do latifúndio, seu inaproveitamento, é que leva à compra de ração para completar a alimentação do gado. Por que não plantam a forragem nas grandes fazendas? Por que se deixam abandonados os excelentes pastos que existem nas mais variadas regiões do país?

Além disso, a ração é industrializada pelos moinhos estrangeiros, que não pagam impostos especiais para isso, quando o farelo, segundo o Acôrdo do Trigo, deveria ser beneficiado por fábrica do Estado.

CARNE

O presidente da COFAP, sr. Max do Rêgo Monteiro, fêz séria denúncia quando o órgão controlador tabelou a carne, dizendo que "o regime da liberação total dos preços da carne" originou a "manipulação irregular do mercado, em pleno período de safra, cujas condições são reconhecidamente favoráveis a uma normalização de preços".

O sr. Max do Rêgo Monteiro referiu-se ao acôrdo entre os frigoríficos e o govêrno, segundo o qual êste fêz um financiamento de 5 bilhões para a estocagem da carne a fim de que o produto não faltasse e não precisasse ser majorado na entressafra. Com o financiamento, os frigoríficos estabeleceram o preço por que podiam vender a carne com boa margem de lucro. Assim as abusivas majorações impostas pelos mercadores foram um desrespeito ao acôrdo, absolutamente injustificável, de vez que os próprios negociantes é que fixaram os preços.

GARANTIR A MEDIDA

O tabelamento da carne e do leite, e o congelamento dos subprodutos dêste, são medidas acertadas. Mas a COFAP precisa garantir que sejam cumpridas, garantindo também o fornecimento regular dos produtos no mercado.

Para isso não deve recuar diante de nenhum obstáculo, punindo, se necessário fôr, os sonegadores.

Várias denúncias já são feitas a respeito de manobras. O Sindicato dos Varejistas, por exemplo, diz que a CCPL não lhes está entregando o leite, que é vendido pelos próprios entregadores da companhia. A CCPL defende-se dizendo que os transportadores são autônomos, que ela nem sabe quem são, o que evidentemente não é verdade, pois as notas de venda e os contratos para o transporte têm que ser feitos em nome de alguém.

Também já se sabe que armazéns frigoríficos estão retendo grandes estoques de manteiga no cais do pôrto, onde chegou ao preço de março, Cr$ 162,50, e estão esperando que aumente.

Ao lado das medidas imediatas que a COFAP pode e deve adotar, as crises sucessivas, provocadas artificialmente pelos negociantes, mostram que o caminho a seguir, em prazo mais longo, é o monopólio estatal da distribuição do leite e a encampação das usinas e dos frigoríficos, a fim de garantir abastecimento regular e preços à altura da bôlsa popular.

Operários Navais Exigem Atrasados e Repelem Indústria da Subvenção

Talvez na manhã de hoje, quinta-feira, já estejam retornando ao trabalho os 10 mil operários e empregados nos escritórios da indústria de construção naval dos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro, que a partir do último dia 1 paralisaram o trabalho, exigindo o pagamento da melhoria salarial de 40%, devida desde abril do corrente ano.

A DECISÃO

Em assembléia geral realizada na noite do dia 19 de julho, os operários navais e empregados nos escritórios das emprêsas de construção e reparos navais, inclusive os do setor autárquico, após aguardarem pacientemente que lhes fôsse pago o aumento decorrente do decreto governamental que elevou em 40% os salários e vencimentos dos servidores federais e autárquicos, estensivo aos empregados das emprêsas marítimas de capital privado, resolveram dar um prazo a todos os empregadores para que firmassem acôrdos, até o dia 31 do mesmo mês, garatindo o pagamento dos atrasados, caso contrário seria deflagrada a greve geral, no dia 1 do corrente.

SUBVENÇÃO

Ante a resolução dos trabalhadores, o govêrno apressou-se na liberação da verba para o pagamento dos atrasados. Pagaram-nos o Lóide, a Costeira e outras emprêsas autárquicas. As emprêsas particulares, entre elas a Ishikawajima, negaram-se a retirar da Comissão de Marinha Mercante a verba que lhes era destinada para o atendimento da reivindicação dos trabalhadores, do mesmo modo que se recusaram a assinar o acôrdo de pagamento dos atrasados. Afirmavam que tal acôrdo só seria assinado se o govêrno se comprometesse a continuar pagando, por mais um ano, as subvenções que seriam cortadas em outubro próximo.

A GREVE

Ante a conduta dos empregadores, expressa pelo Sindicato da Indústria de Construção Naval, os operários de tôdas as emprêsas que se negaram a assinar o acôrdo até 31 de julho entraram em greve. O Conselho Sindical da Ishikawajima, composto em sua maioria de jovens, levado pela revolta e o ardor próprio da juventude, paralisaram o trabalho na manhã mesma do dia 31, antecedendo de um dia a greve geral. Ao paralisarem o trabalho, os empregados da firma japonêsa lançaram uma nota pública, denunciando a chantagem que o Sindicato patronal realizava, condicionando o pagamento dos atrasados, para o qual dispunham da verba necessária, a continuidade das subvenções governamentais. No dia seguinte, a greve se estendia a todos os demais estaleiros particulares, com exceção dos da Verolme, que realizaram o pagamento.

DEBATE

Na assembléia geral realizada na noite do dia 31, na sede do Sindicato dos Operários Navais, ficou decidido que a greve a ser deflagrada no dia seguinte, em tôdas as emprêsas que não assinaram o acôrdo de pagamento, seria estendida, a partir do dia seis, a tôdas as demais, inclusive Lóide e Costeira, que já haviam feito o pagamento. Na tarde do dia 4 os operários voltaram a se reunir para debater o assunto. Em reunião prévia, os Conselhos Sindicais de tôdas as emprêsas concluiram que não era justa a deflagração da greve geral, por entenderem que a mesma aumentaria os elementos de pressão com que as emprêsas particulares contavam para exigirem do govêrno a continuidade das subvenções, contra as quais os trabalhadores sempre se manifestaram. A greve geral — concluiram — só devia ser desencadeada como último recurso.

A tese, levantada na assembléia geral, não foi inicialmente bem compreendida. Muitos dos operários que há quatro dias se encontravam em greve, sentindo a intransigência patronal, julgaram que estavam sendo traidos pelos que já haviam recebidos os atrasados e que se negavam a greve de solidariedade. Durante cinco horas travou-se um ardoroso debate em tôrno do problema da solidariedade e da tática de luta. Mais de 50 oradores desfilaram pela tribuna da nova sede do Sindicato dos Operários Navais, defendendo os seus pontos de vista. Foi um dos mais autênticos exemplos de democracia proletária. Mais de 3 mil trabalhadores puseram-se a raciocinar, acompanhando os oradores com manifestações de agrado e desagrado. Todos os aspectos da questão foram observados pelos oradores, numa expresiva manifestação de amadurecimento político. Ao fim dos debates, a assembléia que parecia irremediàvelmente dividida, entendeu que realmente o caminho correto seria a continuidade da greve apenas nas emprêsas que até o dia 31 não haviam assinado o acôrdo de pagamento. Os trabalhadores dos demais estaleiros ficariam como fôrça de reserva, mobilizada, pronta a entrar em ação quando o Comando da Greve achasse oportuno. Os trabalhadores revogaram a decisão anterior e, por unanimidade, decidiram prosseguir na greve parcial, firme e coesa.

CAMPOS VERGAL NÃO VOTOU CONTRA SAN TIAGO DANTAS

Do deputado Campos Vergal, de São Paulo, recebemos a seguinte carta com pedido de publicação:

"Prezado sr. Redator

Compareço, por êste meio, a sua presença, solicitando uma retificação a um lastimável engano publicado em seu vibrante NOVOS RUMOS, por ocasião da votação pela Câmara da proposta do sr. presidente do nome honrado e digno do deputado San Thiago Dantas para primeiro-ministro. Êsse nobre jornal colocou meu nome entre os que votaram contra, situando-me, assim, entre integralistas e reacionários, quando três dias antes da votação fiz discurso na Câmara inteiramente favorável ao eminente cidadão San Thiago Dantas, defendendo sua brilhante atuação em Punta del Este. Estive ausente na referida votação, pois, tinha que atender assuntos urgentes em São Paulo; e se eu estivesse presente, teria votado a favor da indicação do deputado San Thiago Dantas para primeiro-ministro.

Peço-lhe, assim, retificar o engano cometido por êsse valoroso jornal.

Antecipados agradecimentos do

CAMPOS VERGAL

Brasília, 1-8-62"

Trabalhadores Tomam Posição Sôbre a Situação Nacional

Hoje, quinta-feira, a partir de 15 horas, na sede da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, estarão reunidos com o Comando da Greve Geral de 5 de julho os dirigentes das entidades nacionais de trabalhadores e dos órgãos sindicais sediados na Guanabara e nos municípios vizinhos. A reunião foi convocada pelos dirigentes sindicais Dante Pelacani, da CNTI; Huberto Menezes Pinheiro, da CONTEC; Oswaldo Pacheco da Silva, do Pacto de Unidade e Ação; e Benedito Cerqueira, da Comissão Permanente das Organizações Sindicais.

Os líderes operários realizarão a importante reunião para examinar a situação política do momento e decidir que medidas devem tomar os trabalhadores diante da conjuntura atual.

Após a reunião uma nota estabelecendo a posição dos trabalhadores será distribuida à imprensa.

Giocondo Dias, os Comunistas e a Revolução Brasileira

Francisco Julião

Começo pedindo desculpas ao meu amigo Giocondo Dias pela demora em dar resposta ao seu artigo, publicado em NOVOS RUMOS, edição de 29 de junho a 5 de julho, dêste ano, e reproduzido na edição seguinte. Não foi desatenção, mas falta de tempo, dedicado como vivo, de corpo e alma, às outras tarefas, duras e estafantes, que o trabalho de massas exige de mim, modesto soldado da revolução latino-americana, já vitoriosa em Cuba.

Lamento que Giocondo se tenha louvado em um simples noticiário de jornal, como êle próprio declara em seu trabalho, ao contrariar algumas supostas afirmativas a mim atribuídas pelo repórter, no debate que travei com os bravos estudantes do CACO.

É de praxe que se proceda à leitura atenta e direta do documento, da tese, do informe escrito, se a matéria é importante. Na hipótese, creio que se tratava de questão relevante — definição de linha política — tanto que NOVOS RUMOS deu tôda a ênfase ao artigo de Giocondo, reproduzindo-o com o mesmo destaque.

No Parlamento Nacional e nas Assembléias Legislativas Estaduais não se considera documento o simples resumo feito pela imprensa, mas, sim, o discurso publicado, após a revisão dos [illegible] a menos [illegible] oratória tenha [illegible].

Acêrca dos pensamentos [illegible] tenho publicado inúmeros documentos (cartas, conferências) nos jornais do país, inclusive nos do Partido Comunista Brasileiro. Giocondo Dias não foi buscar em tais documentos assuntos para justificar uma polêmica de que sempre me recusei a participar. E quando assim o afirmo, dou, logo, o testemunho. Não faz muito tempo que o presidente da ULTAB, através de NOVOS RUMOS, qualificou de divi[illegible] das Ligas Camponesas [illegible] São P[illegible] [illegible] Brasil Camponês [illegible] Ligas, e em São Paulo, a ULTAB).

Fui, então, honrado com a visita de Carlos Marighela, bravo dirigente comunista, que me veio pedir excusas pela publicação que, segundo êle, burlou a vigilância do órgão dirigente. Como se não bastasse esta atitude de autêntico cavalheirismo revolucionário, ofereceu-me, ainda, o espaço de jornal para que refutasse o ataque. Expressei-me sinceramente agradecido pela desnecessária satisfação que a direção comunista me dava e me recusei a responder à ULTAB, afirmando a Marighela que minha polêmica é, exclusivamente, com o imperialismo e com o latifúndio.

Além do mais não acredito ser benéfico para o povo trazer a público contradições que, como é normal em uma frente única de classes e camadas diversas da sociedade, podem ser superadas à base da discussão franca e cordial, como tantas outras a que me tenho proposto com os melhores resultados.

Desde 1945, participando de frente única com os comunistas como modesto, porém sincero aliado, assinalo mudanças radicais nas suas táticas e teses programáticas, decorrentes da constatação de profundos erros. Nunca, entretanto, mesmo conhecendo tais erros, vim pela imprensa atribuir leviandades ou coisa semelhante a um único dirigente de vanguarda da classe operária. Se tenho feito críticas não é senão quando sou honrado com o encontro ou um almôço cordial, em companhia de alguns amigos dirigentes comunistas. Nunca vejo bom resultado em fazer crer à reação que a frente única das fôrças mais progressistas do povo e da Nação está dividida ou em contradições de princípios, coisa que não ocorre na prática.

A propósito de como beneficia aos inimigos do povo, ao imperialismo, ao latifúndio, em suma, à reação, a exacerbação de certas contradições existentes entre os que fazem a frente única, em escala nacional ou em escala internacional, sugiro ao meu amigo Giocondo Dias a leitura do artigo do Jin-Min-Ji-Pao, publicado em abril de 1956 sôbre "A EXPERIÊNCIA HISTÓRICA DA DITADURA DO PROLETARIADO".

Mesmo que tivesse defendido no CACO "teses nocivas e errôneas", ao nobre dirigente comunista não faltariam oportunidades, pois aos demais dirigentes nunca faltaram, para discuti-las pessoalmente comigo nos muitos almoços ou reuniões de que tenho participado.

Nesse particular, a impressão que me fica é a de que Giocondo não estava em dia com as providências do órgão dirigente que, na mesma semana que se imprimia o seu artigo, enviava um de seus mais eminentes membros para discutir comigo alguns problemas da frente única no campo, coisa que iniciamos, em um almôço, em minha residência, no Recife. Enquanto palestravamos, amigàvelmente, naquele almôço, a máquina de NOVOS RUMOS rodava o artigo de Giocondo. Não me pareceu estranho êste fato, porque o artigo de Lindolfo Silva, da ULTAB, também furou o jornal sem o conhecimento da direção comunista.

Quero deixar bem claro que naquela palestra, com debates que duraram três horas, sôbre problemas de organização do campesinato, face as minhas convicções marxistas, não fiz nenhum ataque à União Soviética e aos países socialistas (como faz a burguesia, nossa aliada, no entender de Giocondo) que merecesse uma manchete de duas côres na primeira página e metade da terceira página de NOVOS RUMOS.

Não li um só documento e, apesar disso, coube ao repórter de "O Semanário", cravar vanguarda nacionalista de nosso povo, dar a interpretação de nossas palavras. Não obstante haver êle expressado bem alguns de meus pensamentos, Giocondo Dias foi além: procurou adivinhar princípios de que não cogitei, sequer, falar.

Não pretendo travar polêmica, como já disse. Nem muito menos responder a Giocondo com a sistemática que a polêmica exige em ponto de desenvolvimento de raciocínio, isso porque tomaria muito espaço — e espaço de NOVOS RUMOS — tão útil para denunciar os crimes que o latifúndio, o imperialismo e a burguesia vêm cometendo contra os milhões de famintos trabalhadores brasileiros. Deixo que os mais renomados teóricos do marxismo criador respondam ao meu amigo Giocondo Dias. E com que orgulho o faço!

GIOCONDO DIAS: NOVOS RUMOS 29/6/1962.

"Em sua palestra afirmou o deputado Francisco Julião que é possível neste instante no Brasil "sair para a revolução socialista". "De qualquer maneira entretanto julgamos que ela (a afirmativa) encerra um grave êrro. Se, por ventura, o movimento revolucionário brasileiro fôsse se orientar por tal concepção, os resultados seriam profundamente nocivos".

Y. TSEDENBAL — Dirigente do Partido Comunista da Mongólia — "Problemas da Paz e do Socialismo" — n.º 3 de 1961.

"Nosso país passou diretamente do regime feudal para o socialismo, saltando a fase capitalista. Alguns sociólogos burgueses julgam que a feliz construção do socialismo em um país que não passou pela forja do capitalismo, e que até há pouco tempo era um dos mais atrasados da Ásia, choca-se com a teoria marxista sôbre a substituição consecutiva das formações econômico-sociais. Acontece isso na realidade?

A história conhece bastantes exemplos dos tempos remotos em que diversos países e povos passaram a novos regimes sociais mais progressistas saltando através da fase imediata de seu desenvolvimento. Vemos, assim, que muitos povos nômades da Ásia e da África não conheceram a escravidão, que a América do Norte e o Canadá não viveram no período do feudalismo, etc. Os fundadores do comunismo científico não viram nisso uma negação das leis do desenvolvimento social. Além disso, *admitiram a possibilidade de um caminho "mais curto" de passagem dos países atrasados ao socialismo, isto é, sem passar pelo capitalismo;* descobriram as leis gerais do caminho de desenvolvimento não capitalista dos países atrasados.

Marx e Engels consideravam que uma premissa indispensável do desenvolvimento não capitalista dos países subdesenvolvidos é a vitória da revolução socialista nos países industriais adiantados. Engels escreveu: ... somente quando os países atrasados vejam... como se pode fazer com que as fôrças produtivas da indústria moderna, convertidas em propriedade social, sirvam a tôda a sociedade em seu conjunto, sòmente então êsses países poderão orientar-se para o caminho mais curto de desenvolvimento".

Engels acentuava que a possibilidade de semelhante caminho estava aberta para "todos os países que se encontrem num grau pré-capitalista de desenvolvimento".

HO-CHI-MIN — Dirigente do Partido Comunista da Indochina — "Problemas da Paz e do Socialismo" — número 2 de 1960.

"O traço mais característico do período de transição do nosso país, agrário e econòmicamente atrasado, é A PASSAGEM DIRETA AO SOCIALISMO ELUDINDO A ETAPA CAPITALISTA DO DESENVOLVIMENTO".

GIOCONDO DIAS

"essa contradição — que existe e se desenvolve no seio da sociedade brasileira e que se exprime nas várias formas de luta da classe entre operários e capitalistas — não exige AGORA (o grifo é seu) a sua superação de maneira radical, isto é a socialização dos meios de produção, a eliminação da burguesia e a instauração da ditadura do proletariado. Há, porém, outras contradições que exigem AGORA (o grifo é seu) uma solução inadiável e definitiva, como uma imposição do grau de aguçamento que já atingiram. Trata-se das contradições ENTRE A NAÇÃO E O IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO E SEUS AGENTES INTERNOS E ENTRE AS FÔRÇAS PRODUTIVAS EM DESENVOLVIMENTO E AS RELAÇÕES SEMIFEUDAIS DOMINANTES NA AGRICULTURA".

RODNEY ARISMENDI — Dirigente do Partido Comunista Uruguaio — "Problemas da Paz e do Socialismo" — número 3 de 1961.

"Essa revolução destruirá sem dúvida o latifúndio, mas não supera uma etapa de florescimento do capitalismo, já que a revolução democrática de libertação nacional dirigida pelo proletariado é a primeira parte da revolução socialista".

"Na Declaração Programática de nosso Partido o problema é apresentado assim: A CONTRADIÇÃO PRINCIPAL DA ESTRUTURA ECONÔMICO-SOCIAL DO URUGUAI É A CONTRADIÇÃO ENTRE AS FÔRÇAS PRODUTIVAS QUE LUTAM POR DESENVOLVER-SE E AS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO, BASEADAS NA DEPENDÊNCIA DO IMPERIALISMO E O MONOPÓLIO DA PROPRIEDADE PRIVADA DA TERRA, QUE FREIAM ÊSSE DESENVOLVIMENTO".

"Como se vê, nosso Partido coloca a contradição fundamental como uma unidade de contradições, o que permite situar a luta anti-imperialista e agrária como objetivos essenciais e simultâneos da revolução. A palavra-de-ordem da reforma agrária radical eleva-se assim à mesma altura que a palavra-de-ordem de libertação nacional.

Porque o nosso Partido não considerou que a contradição fundamental é aquela que contrapõe o povo ao imperialismo e atrás da qual, sòmente em segundo plano, viria a contradição entre o desenvolvimento das fôrças produtivas e as relações de produção?

Em primeiro lugar, sob o ponto de vista econômico: não se pode separar de modo absoluto a opressão imperialista das relações de produção. O imperialismo é, de um lado, um fator exterior de opressão nacional, porém é, por outro lado, uma parte das relações de produção do país, uma vez que é proprietário de emprêsas e terras e aliado do capital local e dos latifundiários.

Em segundo lugar, sob o ponto-de-vista político: a revolução de libertação nacional não se debilitará se colocarmos em primeiro plano e à mesma altura os objetivos radicais da reforma agrária e os postulados anti-imperialistas. As grandes massas camponesas são uma fôrça fundamental da revolução; a aliança operário-camponesa é a base da frente nacional democrática. Poderemos pensar no desenvolvimento dessa segunda guerra de independência que Cuba iniciou, sem relacioná-la com as ações revolucionárias das massas camponesas pela terra? Poderemos crer que as massas camponesas participarão ativamente na luta antiimperialista se a bandeira da terra é arriada ou escondida pùdicamente pelo proletariado? E a título de quê? Para não assustar a burguesia nacional ou certos setores de latifundiários? É preciso levar em conta que os grandes latifundiários jamais participarão na luta contra o imperialismo, além da órbita de algumas contradições limitadas. A medida da participação da burguesia nacional na frente democrática nacional dependerá da solidez da aliança operário-camponesa".

GIOCONDO DIAS

"O deputado Francisco Julião afirma, em sua palestra, que se pode no Brasil, já agora, "sair para a revolução socialista" devido a que "é possível dar-se o salto, queimar etapas". "Há aqui, sem dúvida, uma enorme confusão".

DECLARAÇÃO DA CONFERÊNCIA DOS REPRESENTANTES DOS PARTIDOS COMUNISTAS E OPERÁRIOS — Moscou 1960 — "Problemas da Paz e do Socialismo", número 12 de 1960.

"Depois da conquista da independência política (a nossa foi há um século e meio), os povos procuram a solução para os problemas sociais levantados pela vida e para as questões relacionadas com a necessidade da consolidação da independência nacional. As diferentes classes e os diferentes partidos propõem soluções distintas. É assunto interno de cada povo escolher o caminho de desenvolvimento que melhor lhe convém. A medida que se aguçam as contradições sociais, A BURGUESIA NACIONAL MANIFESTA UMA TENDÊNCIA CADA VEZ MAIOR A CONCILIAÇÃO COM A REAÇÃO INTERNA E COM O IMPERIALISMO. Em troca, as massas populares vão se convencendo de que o melhor caminho de liquidação do atraso secular e de melhoria de suas condições de vida É O CAMINHO DO DESENVOLVIMENTO NÃO CAPITALISTA. SÓ POR ÊSTE CAMINHO OS POVOS PODERÃO LIVRAR-SE DA EXPLORAÇÃO, DA MISÉRIA E DA FOME".

Lamentàvelmente, oito meses depois, a edição brasileira de "Problemas da Paz e do Socialismo" (número 8 de 1961), transcrevendo Paulino Gonzales Alberdi, apresenta uma tradução deturpada daquela importante declaração: O MELHOR MODO DE ACABAR COM O ATRASO SECULAR E DE MELHORAR SUAS CONDIÇÕES DE VIDA É EMPREENDER O DESENVOLVIMENTO *NO CAPITALISMO.*

GIOCONDO DIAS

"O parlamentar pernambucano esposa o ponto-de-vista sectário, ultra-esquerdista, segundo o qual não existe UMA BURGUESIA ligada aos interêsses nacionais, em choque com os do imperialismo e, portanto, nenhum papel tem essa CLASSE na frente única nacionalista e democrática. Segundo nossa opinião (Nossa? — Giocondo só ou de todos os dirigentes?) êsse ponto-de-vista é errôneo, não corresponde à realidade e só pode trazer prejuízos à causa revolucionária (os grifos são meus).

SEGUNDA DECLARAÇÃO DE HAVANA:

"Nas atuais condições históricas da América Latina, a burguesia nacional não pode encabeçar a luta antifeudal e antiimperialista. A experiência demonstra que, em nossas nações, ESSA CLASSE — *ainda quando seus interêsses estejam em contradição com os do imperialismo ianque — é incapaz de enfrentá-lo*, paralisada pelo mêdo da revolução social e assustada pelo clamor das massas exploradas.

Situadas entre o dilema do imperialismo ou revolução, SÒMENTE SUAS CAMADAS MAIS PROGRESSISTAS (não a classe) estarão com o povo".

RODNEY ARISMENDI — "Problemas da Paz e do Socialismo", número 4 de 1959.

"Decalcar a situação afro-asiática nada resolve, exceto saber que êste exemplo é um grande estímulo à nossa luta patriótica."

"Há além disso outras diferenças. Em sua maioria, os países da Ásia conquistaram a independência política depois da Segunda Guerra Mundial, depois de muitas décadas de luta heróica contra os ocupantes imperialistas. Na América Latina, a independência advém, particularmente, na primeira metade do século XIX. Neste sentido, o fator nacional, existente sem dúvida na América Latina, e hoje acentuado, se manifesta porém com menor vivacidade na burguesia nacional.

Por isso mesmo, o "nacionalismo" se caracteriza de maneiras distintas. Em muitos países da América Latina, o "nacionalismo" tem sido bandeira dos latifundiários e grandes capitalistas, que uniram a uma atitude agressiva antioperária e em vários casos pró-fascista, enquanto as chamadas burguesias liberais (as mais identificadas com o processo democrático-burguês), tem sido nacional-reformista, isto é, propugnadoras de um estímulo às indústrias nacionais, protecionistas, propulsoras do setor estatal, mas, em geral, sem uma política marcante de EXPROPRIAÇÃO das inversões imperialistas".

GIOCONDO DIAS

"No que diz respeito ao proletariado e ao campesinato são também profundas as incompreensões manifestadas pelo deputado Francisco Julião. Acha êle que "é possível sair para a revolução socialista com o campesinato à frente". Acha ainda que "quando a luta se inicia no campo ela toma, imediatamente, caráter político, o que não ocorre com a classe operária, cuja dinâmica é o aumento de salário". Partindo daí afirma que "o campesinato desatará o processo revolucionário brasileiro e conseguirá influir para que a classe operária se associe à luta". A que levam semelhantes teses e conclusões? Primeiro: o campesinato é a classe mais revolucionária e a sua luta (pela terra) tem desde o início um caráter político (socialista?). Segundo: a classe operária tem interêsse apenas no aumento de salário e só participará na luta pelo Poder sob a influência dos camponeses. Terceiro: a "revolução socialista" será desencadeada e dirigida pelos camponeses. Seria difícil encontrar tantos e tão sérios êrros em tão poucas palavras".

O paralelo que estabeleço entre o *campesinato* e a *classe operária do campo* se restringe sòmente ao terreno da organização. Afirmo que as associações operárias (sindicatos) demandam meses e até anos, para se constituírem, em vista de estarem disciplinadas pela Consolidação das Leis do Trabalho que pouco se tem aplicado ao proletariado do campo; enquanto que as associações camponesas podem ser feitas e legalizadas em poucas horas, mercê de estarem disciplinadas pelo Código Civil. Esta facilidade de organizar que tem demonstrado o campesinato, mais do que o operário do campo, está expressa nas centenas de organizações, Ligas ou Uniões, existentes no País até janeiro dêste ano enquanto que sindicatos agrícolas só existiam seis em todo o País. Observe que a sindicalização rural está sendo tentada há mais de trinta anos enquanto as Ligas têm apenas sete anos de existência.

Afirmo também que a classe operária para sair das lutas salariais (lutas econômicas) e passar para as lutas políticas exige muitos anos de intenso proselitismo e politização que os comunistas, socialistas e trabalhistas (principalmente os primeiros) vêm heròicamente fazendo. Sòmente quando um Presidente da República mete uma bala no coração, um outro renuncia ou um ministério cai é que a nossa classe operária tem dado o salto qualitativo do terreno salarial (econômico) ao político. Com os camponeses ocorre que, face às relações cíveis estabelecidas entre êles e os seus exploradores, a luta jurídica mal aflora e passa imediatamente para o terreno político. Eis aí o grande salto (não atravessa o terreno das lutas salariais, econômicas) que o coloca a um passo da revolução. É que o campesinato toca no cerne da questão: o problema da terra, espinha dorsal do regime. No livro QUE SÃO AS LIGAS CAMPONESAS, que a Editôra Civilização Brasileira lançará no próximo mês, esclareço com detalhe êsse ponto de vista e evito que sejam deformadas as minhas afirmativas.

Tão pouco disse que a "revolução socialista" será dirigida pelos camponeses. Creio seja sofismar o fato de se interpretar ao pé da letra "revolução socialista" como constantemente Giocondo o faz. Ora, os melhores publicistas do marxismo não se cansam de afirmar que as revoluções nacionais e democráticas dos países coloniais são mera extensão da Grande Revolução de Dezessete. Não discriminam se esta foi a revolução de fevereiro ou se foi a de outubro; ou se aquelas foram as da China, Mongólia, Viet-Nam, Checoslováquia ou se foram as do Congo, Argélia ou ainda a de Cuba. Como também são os mesmos a se referir ao Mundo Socialista sem discriminar as Repúblicas Socialistas e as Democracias Populares.

O mais aconselhável é o prezado amigo, quando se interessar em discutir minuciosamente, sutilezas a que o cientifismo muito se presta, procurar refutar documentos *escritos* de cátedra de teóricos. Ora, não sou teórico. Sou homem de massas; homem prático a quem o trabalho com a massa camponesa não dá tempo para a saudável consulta dos tratados. Sou apenas um agitador na pessoa de um modesto revolucionário. Louvo, entretanto, o interêsse de Giocondo, o seu estudo por essas questões profundas da Revolução. Afinal, já é tempo de se fazer, entre nós, a divisão do trabalho socialista: os que estudam e os que agem. Prefiro ficar no meio dêstes últimos, os que trabalham à luz dos ensinamentos dos primeiros.

Apesar de não ser nada mais do que um agitador sei que êste é o século da Classe Operária; e as revoluções dêste século a ela pertencem. Compete a ela dirigir as revoluções da época, ainda que a sua vanguarda vacile, e, quando a sua vanguarda vacila, a Classe Operária entra na luta após o campesinato, estudantes, intelectuais revolucionários e alguns setores operários. Porém resulta, em seguida, dando o tiro de misericórdia nas classes opressoras do povo e assumindo imediatamente a direção revolucionária, condicionada — é claro — ao apoio sólido dos camponeses. A Revolução Cubana é um testemunho. Quem desencadeia a luta é o campesinato.

SEGUNDA DECLARAÇÃO DE HAVANA

"A luta inicial de reduzidos núcleos de combatentes se nutre incessantemente com novas fôrças, o movimento de massas começa a se desencadear, a velha ordem desaba pouco a pouco em mil pedaços e *é então o momento em que a classe operária e as massas urbanas decidem a batalha.*

ERNESTO "CHE" GUEVARA — "Reflexões Sôbre a Revolução Cubana" — Zahar editôres — R. de Janeiro — página 174.

"Além de assinalar que as condições se completam pelo exercício da luta armada, temos de explicar uma vez mais que o cenário dessa luta deve ser o campo e que do campo, com um exército camponês que visa aos grandes objetivos pelos quais deve lutar o camponês (o primeiro dêles é a justa distribuição da terra), ela passará às cidades. Sôbre a base psicológica da classe trabalhadora, cujos grandes pensadores descobriram as leis sociais que nos regem, a classe camponesa da América constituirá o grande exército libertador do futuro, como já ocorreu em Cuba".

Podem alguns nacionalistas burgueses não reconhecer em Ernesto "Che" Guevara um grande teórico marxista. Mas não podem deixar de reconhecer que o "Che" entende mais de Revolução do que todos nós juntos.

Além do mais, a entrada da Classe Operária na Revolução está condicionada também à posição que assume a sua vanguarda. Se a vanguarda da classe operária vacila, o povo passa por cima da classe operária, sua vanguarda e tudo o mais. Se não vejamos o que diz Blas Roca, bravo dirigente dos comunistas cubanos, em uma autocrítica digna de um marxista da sua estirpe, no que muito vem ajudar os demais líderes comunistas do Continente:

"É bom dizer aqui — como experiência que talvez possa vir a ser útil a outros — que os velhos marxistas-leninistas, os que militávamos no Partido Socialista Popular, não vimos com clareza essas perspectivas nos primeiros momentos, o que determinou que, apesar de havermos desde o início dado a nossa solidariedade à ajuda ao movimento empreendido por Fidel, entrássemos tarde e frouxamente na guerra como Partido. Isso possibilitou ao inimigo tôda a sorte de manobras e complôs que, naturalmente, fracassaram". *Discurso pronunciado em julho de 1962, no XVIII Congresso do Partido Comunista Uruguaio.*

GIOCONDO DIAS

Quando e em que parte do mundo o deputado Francisco Julião encontrou um campesinato que se tivesse colocado à frente de uma revolução socialista?

Y. TSEDENBAL — "Do Feudalismo ao Socialismo" — "Problemas da Paz e do Socialismo" — número 3 de 1961.

"A Revolução Popular da Mongólia, *país pecuarista atrasado, onde então não havia classe operária*, FOI DIRIGIDA POR UM PARTIDO DE CAMPONESES, o Partido Popular Revolucionário Mongol. Mas a peculiaridade das condições da Mongólia consistia em que êsse partido, embora sendo EXCLUSIVAMENTE CAMPONÊS, e lutando pela realização das tarefas nacional-libertadoras e democráticas gerais, desenvolveu-se desde o início em estreita colaboração com o movimento comunista internacional e armado do marxismo-leninismo, a teoria revolucionária da classe operária".

"O Partido teve de fazer frente a contínuos ataques contra sua linha geral, empreendidos por grupos oportunistas de direita, que rechaçavam o caminho do desenvolvimento não capitalista".

"O capitalismo foi em certa época um fenômeno progressista em relação ao feudalismo. Não obstante, o progresso alcançado por êle acarretou à humanidade sofrimentos e privações incríveis e custou rios de sangue. O caminho do desenvolvimento não capitalista significa para a humanidade um progresso que, segundo a expressão metafórica de Marx, deixará de parecer-se com "êsse ídolo pagão que só desejava beber o néctar no crâneo dos sacrificados". (K. Marx e F. Engels — Obras Escolhidas ed. em espanhol, t. I — pág. 327). Por isso, precisamente, o caminho do desenvolvimento não capitalista corresponde aos interêsses das [illegible] amplas massas dos países subdesenvolvidos".

De resto, concordo com muitas das afirmativas do meu amigo Giocondo Dias. Excetuam-se, é claro, aquelas que respondem a coisas que não disse na conferência pronunciada no CACO.

Acho justo ainda quando êle diz (sem dúvida em nome do órgão dirigente): "Tudo faremos também para impedir que possa ter êxito qualquer tentativa de dividir as fôrças revolucionárias e enfraquecer, dessa maneira, a frente única".

A melhor maneira, neste caso, de se evitar divisões é o entendimento pessoal franco e amigo, sem que se dê aos inimigos do povo a oportunidade de boatar atritos das fôrças de esquerda.

Não sou nem Presidente da República, nem Ministro, nem Governador de Estado ou personalidade outra da burguesia que têm mêdo de que os seus amigos e eleitores saibam que com Prestes ou com Amazonas mantiveram contato cordial e amigo. Sou apenas, Francisco Julião. O Julião de sempre. Acessível sempre. Que recebe Prestes no Aeroporto, que figura com êle no mesmo palanque; que o visita, nunca às caladas da noite, mas sol a pino e que almoça, pelo menos uma vez por mês — quando não semanalmente — com alguns dirigentes comunistas. Tenho, como se vê, Giocondo Dias, imensas oportunidades de superar contradições à base de críticas e autocríticas fraternais.

ESCLARECIMENTO DE CARLOS MARIGHELLA

Solicitado pela redação de NOVOS RUMOS a pronunciar-se acêrca de afirmações feitas por Francisco Julião, no artigo que publicamos nesta página, contendo referências ao modo como foi por nós divulgada uma entrevista do presidente da ULTAB, Lindolfo Silva, o dirigente comunista Carlos Marighella fêz a seguinte declaração:

"A propósito da conversação referida neste artigo, devo esclarecer que há um equívoco de Francisco Julião quanto ao motivo da visita que tive a honra de fazer-lhe.

Procurei o estimado amigo com o fim especial de convidá-lo para um encontro amistoso, onde pudéssemos discutir assuntos de interêsse comum. A êsse encontro deveriam comparecer êle, Julião, e os que de nossa parte, para isso, seriam designados.

Quanto à publicação a que se refere Julião, há ainda um equívoco de sua parte. Não havia pròpriamente motivo para um pedido de escusas ou para que eu sugerisse uma refutação sua pelas páginas do jornal. Ao contrário, alvitrei mesmo que nenhuma resposta fôsse dada, até que, no encontro para o qual fôra convidá-lo, iniciássemos a discussão das divergências existentes.

Ao procurar desincumbir-me da missão de convidar o presidente do Conselho das Ligas Camponesas para o mencionado encontro, não me animava outro desejo senão o de agir dentro da maior cordialidade, com a deferência e o respeito que devem existir entre revolucionários, e visando sempre a encontrar o terreno comum que permitisse o entendimento e, por fim, a unidade.

Rio de Janeiro, 6 de agôsto de 1962

Carlos Marighella

CLIMA DE TRABALHO E ENTENDIMENTO

Sr. Presidente:

As Diretorias dos Sindicatos da Extração, da Refinação de Petróleo e da Sociedade de Engenheiros do Recôncavo, do Estado da Bahia, nesta oportunidade em que V. Exa. visita as diversas unidades da Petrobrás sediadas em nosso Estado, e, em reconhecimento ao que a administração de V. Exa., até o presente, tem procurado primar, numa real sintonia com os princípios nacionalistas, objetivando assim os mais altos interêsses da Petrobrás, desejam, conjuntamente, afirmar, para a absoluta e necessária tranqüilidade de sua gestão, a superação da crise administrativa surgida no início de sua investidura, quando por falta de esclarecimento existiu um ambiente de tensão em determinados núcleos, nas relações entre operários e técnicos.

Hoje, todavia, com patriótica satisfação, informamos a V. Exa. reinar um clima de harmonia, o que demonstra a comunhão de esforços na luta para o engrandecimento da Emprêsa e pela redenção econômica do Brasil.

Salvador, 3 de agôsto de 1962

WILTON VALENÇA
Sindicato dos Trab. na Ind. Extr. Petr. Est. Bahia
PRESIDENTE

MÁRIO LIMA
Sindicato Trab. na Ind. Dest. e Ref. Petr. Est. Bahia
PRESIDENTE

FRANCISCO DE CASTRO NOGUEIRA
Sociedade dos Engenheiros do Recôncavo
PRESIDENTE

Ao
Exm.º Sr.
Dr. Francisco Mangabeira
D.D. Presidente da PETROBRAS
NESTA

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Marilyn Monroe viveu sua vida de artista e morreu sacrificada pela vulgaridade do cinema norte-americano. Os conhecedores de cinema sabiam que ela se revoltava contra o erotismo em busca de bilheteria. Entretanto, através de contratos monstruosos, sua carreira foi quase tôda frustrada. Forçaram-na sempre a funcionar como peça de concepções grosseiras, desligadas da arte, de tôda a arte e particularmente da arte do cinema, para satisfação de uma política mercantil, de culto ao sensualismo, de concessões ao gôsto primitivo, tudo em busca do lucro.

As gigantescas organizações cinematográficas dos Estados Unidos sacrificam uma técnica avançada, sacrificam talentos, dominadas pela idéia do lucro. Ao mesmo tempo, fogem dos grandes temas da vida, porque estão entrelaçadas com os interêsses do chamado "mundo livre". Um mundo em que é livre a exploração do homem pelo homem.

A tragédia dos norte-americanos de talento é simbolizada no fim trágico de Marilyn. É a tragédia do jornalista que não encontra jornal para expor suas verdadeiras concepções, do escritor, do músico, do pintor, do professor, do filósofo, num mundo de restrições impostas a todos aquêles que não estejam transformados em peças da máquina de fazer dinheiro, é a tragédia da grande legião dos que o imperialismo exclui não só da atividade democrática, como também da atividade cultural. A isso alguns de nossos ilustrados "yes men", com livre trânsito na Embaixada dos Estados Unidos, chamam "respeito à pessoa humana".

Por que Carlitos foi obrigado a abandonar os Estados Unidos? Porque não mais podia, naquela engrenagem, realizar um cinema à altura de sua capacidade. Mas nem todos podem livrar-se das garras de Hollywood e o que se vê é justamente o contrário. Êsse monstro manda emissários à Europa e seduz, com a bôlsa cheia de dólares, artistas italianos, franceses ou suecos, submetendo-os depois a um processo de aniquilamento. Dá pena vê-los na interpretação de filmes da pior categoria.

Nós, no Brasil, em plena batalha contra a exportação indiscriminada de lucros, ajudamos a alimentar o aparelho de deturpação artística montado nos Estados Unidos, através do cinema. Organizações poderosas nos impingem, aqui, os famosos abacaxis. Em dez filmes, um suportável acompanha nove bombas de alto poder explosivo. Cada um de nós, freqüentador de cinema, contribuiu um pouco para o sacrifício de Marilyn, financiando seus assassinos. Confessemos êsse pecado aos pés de D. Jaime Câmara.

O Espectro do Congo

O Washington Post não teve pêjo. Anunciou sem a maior cerimônia que no canal do Panamá organizam os Estados Unidos uma brigada militar pronta a entrar em ação nos países latino-americanos quando se verificarem dificuldades. Está claro que a nota fala em comunismo, guerra mundial (que é o que os militaristas ianques têm na cabeça) e outras baboseiras mais. A realidade, entretanto, é diversa. Essas brigadas que já foram empregadas no Congo, na Coréia e no Laos, e que estão sendo no Vietnam do Sul, fazem parte e constituem inclusive fator determinante da tática norte-americana para persuadir os "países rebeldes" que prejudicam os interêsses dos trustes de Wall Street e alimentam veleidades em relação a questões como soberania, emancipação econômica, etc.

A organização dessa fôrça constitui uma ameaça aos países latino-americanos. Representa ela uma forma direta de intimidação e coação. E como é uma ameaça, merece uma resposta. Deve-se dizer, por exemplo, aos gringos, que uma nação como o Brasil não pode ser congolizada.

PASQUIM DESPREZÍVEL

Os badernelros batistianos que se venderam aos monopólios imperialistas ianques e vivem pelo mundo pedindo que tropas estrangeiras agridam a sua própria terra de nascimento, vêm em nosso país ultrapassando os limites toleráveis, de audácia. Há dias eram presos e logo soltos por ordem direta de Lacerda, o mesmo que prendeu e processou mais de 300 motoristas que pediam aumento de salários diante do Itamarati por estarem agredindo autoridades brasileiras. Fazem jus aos dolares que lhes da mister Gordon. Em paga desses dolares derramados e que estão distribuindo um pasquim de título "Avance" editado em Miami, entre sindicatos e outras entidades e mesmo em algumas bancas de jornais do centro e da zona sul.

Trata-se de um papelucho farto em insultos ao govêrno e ao povo cubano, em elogios a Kennedy e ao Pentágono e em agressões aos governos que mantêm relações diplomáticas com o govêrno de Fidel Castro. Temos em mãos, mandado por um leitor, um número dêsse pasquim, com data de 18 de maio dêste ano. Uma das baboseiras publicadas nesse número é sôbre a situação política do Brasil: um amontoado de provocações as mais tôrpes envolvendo inclusive o presidente João Goulart, tudo sôbre a base de "denúncias" dos porta-vozes ianques "O Globo" e "Tribuna da Imprensa".

"Avance" tem encontrado por parte dos patriotas brasileiros o destino de papeluchos idênticos a ele...

Peste Negra

Vitima de peste negra, que êle próprio cultivava num secretíssimo laboratorio do Govêrno inglês, em Porton Downs, morreu o cientista George Bacon. Os funcionários britânicos, com tôda a frieza, informam que ninguem mais foi inoculado e adiantam, tranqüilamente, que as dependências do laboratorio em que trabalhava Bacon já estão esterilizadas e isoladas.

O resto está no noticiário das agências telegráficas: Bacon fazia pesquisas, encomendadas pelo Govêrno de Sua Majestade Britânica com o sinistro objetivo de preparar meios mais eficazes para a transmissão em massa de bacilos, especialmente os que são veiculo da peste bubônica e da peste pulmonar, que, lembram os jornais, dizimaram grande parte da população européia durante a Idade Média. Para quê? Leia-se o "Jornal do Brasil" de sábado último: "Bacon trabalhava no programa de investigações sôbre a guerra bacteriológica". Procurava armas mais virulentas que aquelas usadas pelos defensores do "mundo livre" contra o povo coreano.

A morte de Bacon é um crime monstruoso dos que sonham com a guerra, dos que confessam preferir a destruição da humanidade à definitiva libertação dos povos. Mas é também uma espantosa denúncia: nos laboratórios dos imperialistas — laboratórios do mêdo, do desespêro, do ódio aos povos — está sendo engarrafada a peste negra para ser atirada contra a humanidade por "homens livres" como MacMillan e Kennedy.

MAIS UMA FARSA DE «O GLOBO»

Em mais uma de suas grosseiras farsas — engendrada com a leviandade e o cinismo que só podem ser encontrados em traidores que defendem a "alienação progressiva da soberania nacional" — "O Globo" forjou uma carta supostamente mandada de Recife pelo ex-deputado Francisco Antônio de Leivas Otero contendo as mais absurdas intrigas e provocações em tôrno da candidatura de Miguel Arrais ao Govêrno de Pernambuco. Os objetivos são evidentes: criar dificuldades à candidatura Arrais, tentar cindir a frente democrática que tornará vitoriosa essa candidatura e dar à opinião pública a impressão de existir uma "Embaixada" (omitindo-se, "cuidadosamente", o nome do país...) com influência sôbre as atitudes políticas do sr. Arrais. E', como se vê, uma pobre caricatura da "Carta Brandi" — digna, por sua pobreza de imaginação e seu grosseiro primarismo, dos entreguistas de "O Globo". O ex-deputado Leivas Otero fêz "O Globo" desmentir, na edição seguinte, a sua infame provocação, mandando-lhe em seguida uma carta manuscrita, com a exigência de ser reproduzida em "fac-simile", a fim de não restar qualquer dúvida quanto ao engôdo. É através dêsses sórdidos processos que o "comendador" Marinho e o consultor da Light, João Neves, servem à democracia: mistificando deslavadamente a opinião pública e desrespeitando os seus leitores.

Vinícius: "Campanha Contra a UNE é Financiada Pelo IPES"

Entrevista concedida a **Regina Montana**

"O destino reservado à infame campanha com que alguns setores retrógrados e obscurantistas tentam uma divisão no movimento estudantil e na UNE é um irremediável fracasso" — declarou a esta repórter Vinicius José Caldeira Brant, universitário eleito em chapa única presidente da União Nacional dos Estudantes no recente e memorável congresso de Quitandinha.

"O divisionismo que tramam — prossegue Vinicius — é organizado de fora para dentro do movimento estudantil, através da imprensa alugada ao imperialismo, do rádio, da TV e financiado pelo IPES do banqueiro João Batista Leopoldo de Figueiredo, tendo como instrumentos alguns reitores dispostos a qualquer manobra para conservar seus privilégios e imunidades, como é o caso dêsse professor Flávio Lacerda, reitor da Universidade do Paraná, que confessa, sem pejo, suas ligações com o IPES".

"A unidade do movimento universitário brasileiro — continua o presidente da UNE — não é artificial, construída à custa de concessões. Significa o amadurecimento das posições de luta do estudante brasileiro e da sua consciência, que não se conforma mais com uma estrutura educacional sob todos os títulos anacrônica e com uma realidade nacional de injustiças sociais e de espoliação de nossas riquezas pelo imperialismo."

"Daí — afirma o jovem estudante de Ciências Econômicas — não ser abalada pelas sórdidas tramas cujos promotores nada têm a apresentar à juventude universitária em têrmos de mensagem capaz de empolgá-la, como vem sendo provado nos últimos congressos nacionais dos estudantes, quando os representantes dos setores inspiradores das campanhas divisionistas nada conseguem nas disputas democráticas verificadas. Repudiados, só lhes resta o caminho do desespêro: as bombas em Quitandinha e a insidiosa "guerra psicológica" da mentira diária na imprensa venal."

GREVE E PROVAS

Sôbre o andamento da greve que os universitários sustentam pela sua participação nos organismos dirigentes das universidades e faculdades disse-nos o presidente da UNE: "Encontram-se agora em greve mais faculdades do que antes do período de férias, apesar da defecção de algumas escolas que a "imprensa sadia" procura apresentar como "grandes fôrças". Quanto às provas, o ministro da Educação já tornou portaria a sugestão do Conselho Federal de Educação de transferi-las para o final do ano. Foi uma vitória do movimento estudantil, pois tratava-se de uma reivindicação da UNE formulada desde o seu último congresso, além de significar o reconhecimento oficial da greve, o que parecia impossível à época do ministro Oliveira Brito."

SOLUÇÃO

O fim do impasse, porém, só ocorrerá — adianta Vinicius — "desde que seja concedida a delegação de poderes ao ministro da Educação. É preciso reafirmar, no entanto, que a luta pela delegação de podêres está afirmada neste ponto específico, apenas; uma vez que não conhecemos suficientemente as soluções que o Conselho de Ministros poderia propor para os demais problemas nacionais. No que se refere à participação nos órgãos colegiados a posição do Gabinete tem sido muito clara. O que queremos é precisamente uma solução nacional que não dilua o princípio da representação estudantil em uma série de soluções locais que acabam por fazer com que ela perca o conteúdo.

Por outro lado, caberá ao Conselho Extraordinário da UNE, convocado para o dia 6, (esta entrevista nos foi concedida no dia 4 do corrente) examinar a situação atual da greve e traçar planos que concretizem as posições adotadas pelo XXV Congresso. Temos esperança numa solução rápida para o problema, mas se ela não vier o movimento universitário terá condições de continuar a resistir."

A PROPOSTA DO CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO

Sôbre uma nota divulgada pelo Conselho Federal de Educação, onde era apresentada uma proposta de solução para a crise do ensino universitário, o presidente da União Nacional dos Estudantes assim se manifestou:

"A solução do Conselho Federal de Educação baseada no parecer do prof. Abgar Renault demonstra uma incompreensão a propósito da luta que encetamos pela participação de um têrço. Esta proporção não foi escolhida arbitràriamente pelos estudantes nem se baseia em cópia da experiência de qualquer país, mas corresponde às necessidades concretas da Universidade Brasileira atual. Desta forma, não tem sentido a enumeração exaustiva da estrutura universitária de outros países e nada tem de aceitável a proposição, que se diz conciliatória, em tôrno de um número arbitrário, igual ou maior que três representantes em cada colegiado. Não queremos representação por representação, mas estamos lutando por um instrumento eficiente para a reforma da universidade. Esperamos que o ministro da Educação, que tem demonstrado conhecer bem o problema, saiba superar o tipo de visão anacrônica contida no parecer do Conselho Federal de Educação", concluiu Vinicius José Caldeira Brant.

Lacerda Apela Para o Golpe e Ameaça Implantar Ditadura

Ao pagar uma verdadeira fortuna — com o dinheiro que o Estado arrecada dos consumidores cariocas — para a sua anunciada entrevista de têrça-feira na televisão, o que pretendia Carlos Lacerda era fazer um apêlo aberto ao golpe. O mesmo apêlo que vem fazendo, diàriamente, através de sua "Tribuna da Imprensa", mal disfarçado sob o pseudônimo de Júlio Tavares. Queria repetir a criminosa tarefa de que foi incumbido em agôsto do ano passado, quando, em nome de salvar o país do "comunismo internacional", bradava contra a posse do sr. João Goulart na presidência da República.

Eis o que escrevia Lacerda (ou Júlio Tavares) na "Tribuna" de têrça-feira e que pretendia repetir, com os seus ares de Boris Karlof, diante das câmeras da TV: "Contra a usurpação, tôda revolução é legítima. No dia em que consumasse a usurpação, o sr. João Goulart deveria ter contra si todos os patriotas, DE ARMAS NA MÃO". Isto é dito na primeira página. Na terceira página, indicando que está "o golpe em ação", escreve a "Tribuna": "Sem nenhuma confirmação oficial, circularam desde as primeiras horas de hoje, boatos dando como certa a eclosão nas próximas horas de um movimento de rebeldia na FAB contra o govêrno, nos moldes dos recentes episódios de Aragarças e Jacaré-Acanga. As informações não confirmadas dão conta de que o levante partiria de bases aéreas localizadas no Nordeste". Já não se trata de referências vagas ou ameaças veladas, mas de apresentar o presidente da República, o usurpado, como se fôsse o usurpador, e concitar abertamente às armas.

Quarta-feira, já não é apenas Júlio Tavares (ou Lacerda) que apela para o golpe. A manobra aparece de forma mais extensa, patrocinada de público pelo presidente da UDN, o banqueiro Herbert Levy, e pelo inveterado golpista Adauto Lúcio Cardoso. As articulações dos «rebeldes», apenas mencionadas na véspera, são agora insolentemente apontadas, passo a passo. E o nome do fascista marechal Denis é desenterrado com a maior sencerimônia.

Afirma Lacerda (ou Júlio Tavares) no artigo de quarta-feira: «Quando chegará a hora em que tenhamos de dizer ao povo para tomar armas em defesa de sua liberdade, de sua pátria e de sua honra? E' preciso deixar bem claro que ninguém está disposto a se deixar matar como carneiro, nem coagir por uma ínfima minoria, que por desídia das maiorias tomou conta de postos decisivos. A farsa já durou bastante. A provocação já ultrapassou todos os limites». E, como arremate: «Ou se aceita a decisão do Congresso ou se declara que o país marcha para a ilegalidade. Na hora de entrar na ilegalidade vale tudo. Cada qual que se prepare e reaja, na defesa do lar e do futuro». Aqui é preciso esclarecer: quando se refere a povo (dizer ao povo para tomar armas), Lacerda está pensando em homens como Denis, Pena Boto e Cordeiro de Farias. E quando fala em liberdade o que êle tem em vista é a liberdade de perdoar Jorge Jabour e outros tubarões da dívida de 6 bilhões de cruzeiros sonegados ao Estado.

Eis o que disse Adauto Cardoso («Coluna do Castelo»): «O que não faremos agora, quando o dispositivo do govêrno terá de enfrentar, além de nós, o dispositivo militar do marechal Denis?» O banqueiro Herbert Levy, por sua vez, diz claramente em que sentido o «dispositivo militar do marechal Denis» entraria em ação: «Se Jango renunciar a crise cessará, com o desaparecimento do seu motivo, da sua causa, que é Jango na Presidência». Quanto à movimentação do «grupo de Aragarças», chega a «Tribuna» a indicar os locais em que os «mosquitos» estariam realizando suas reuniões, no Rio.

Enquanto o «grupo de Aragarças» se lança nessa movimentação, confessada pùblicamente por Lacerda, êste coloca em prontidão a Polícia Militar, com o claro objetivo de incrementar a «guerra psicológica».

Agindo, assim, com a maior desenvoltura, o grupelho golpista tem em mira o seguinte:

1) Intimidar o Govêrno, em particular o presidente João Goulart, forçando-o, sob a ameaça de golpe, a aceitar as imposições das cúpulas reacionárias, não dando um passo sequer no sentido das tão prometidas reformas de base. Lacerda e seus comparsas não querem é que se toque, nem de leve, na estrutura econômico-social que aí está e condena o nosso povo aos sofrimentos da fome e da miséria. Falam em renúncia de Jango como solução e se agitam em manobras golpistas a fim de intimidar Jango e o govêrno e mantê-los «enquadrados». Desde que o Brasil continue a ser espoliado pelos trustes norte-americanos e o latifúndio prossiga intocado, Lacerda, Levy e Denis estão prontos a admitir qualquer govêrno, embora, é claro, lutando para que seja sua a maior fatia do bôlo;

2) lançar-se numa aventura tipo Aragarças no caso de o Govêrno exigir da Câmara medidas que sejam realmente capazes de atender pelo menos a algumas das mais prementes exigências da Nação e do povo, como a limitação da remessa de lucros pelas emprêsas estrangeiras, a reforma agrária, a intervenção no mercado de gêneros para coibir a ação de intermediários e sonegadores, etc. Mesmo não dispondo da fôrça que apregoa, pode êsse grupelho em seu desespêro apelar para gestos alucinados como uma nova Aragarças ou uma ainda mais ridícula «operação mosquito».

O povo brasileiro está, portanto, alertado para o que desejam e o que prometem os lanterneiros. Cabe a todos os patriotas e democratas desmascarar a sua farsa e estar preparados para ràpidamente barrar-lhes o criminoso caminho. Lacerda indicou, com tôdas as letras, o que quer: «uma ditadura que garanta a liberdade depois». O mesmo, na Argentina e no Peru, diziam Guido e os generais da Junta Militar. Só que Lacerda e seus cúmplices não querem levar em conta que não estamos em outro país qualquer, mas no Brasil. E que o nosso povo, assim como as suas fôrças patrióticas e democráticas — civis e militares — estão de pé para conter a histeria dos que imaginam implantar o fascismo entre nós. Contê-los e puni-los, como merecem.

PARLAMENTARES E INTELECTUAIS: REGISTRO DO PCB É IMPERATIVO PARA DEMOCRACIA NO BRASIL

Telegramas e manifestações em grande número têm sido enviados ao Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília, manifestando os sentimentos democráticos do povo brasileiro, cuja imensa maioria deseja a plena vigência do regime e o respeito ao direito de tôdas as correntes do pensamento e políticas de se organizarem em partido e participarem diretamente da vida e dos debates dos problemas brasileiros. Manifestam, êsses pronunciamentos, o desejo de que o TSE, atendendo aos imperativos legais e democráticos, reconheça o direito dos comunistas organizarem livremente o seu partido político para poderem assim discutir, em pé de igualdade com as outras correntes políticas.

NR, que na sua edição passada refletiu essa tendência da maioria do nosso povo em relação ao problema, publicando uma página com declarações e pronunciamento de personalidades e setores os mais diversos da vida brasileira, recolheu e publica abaixo novas declarações de parlamentares e personalidades.

Falaram assim, o deputado Renato Archer, subsecretário do Exterior do gabinete Tancredo Neves, o parlamentar udenista Ferro Costa, o professor Max da Costa Santos, o musicista Arnaldo Estrêla, o dirigente sindical paranaense Ernesto Gonçalves Mendes e o dr. Vieira Lins, candidato socialista ao Senado pelo Paraná.

RENATO ARCHER

O deputado Renato Archer (PSD — Maranhão) prestou as seguintes declarações:

"Penso que a quase totalidade do povo brasileiro pretende que o nosso país venha a ser uma democracia, tão perfeita quanto possível.

"No processo de aperfeiçoamento do regime democrático está a não discriminação contra qualquer grupo político.

"Vejo, pois, a legalização do Partido Comunista Brasileiro como etapa no amadurecimento da Democracia no Brasil".

FERRO COSTA

O deputado Ferro Costa, da UDN paraense, que na Comissão de Justiça da Câmara Federal já dera parecer favorável ao registro do PCB, disse:

"Desde há três anos tem andamento na Câmara um projeto de lei que visa a excluir o artigo 58 do código eleitoral, por considerá-lo antidemocrático e inconstitucional. Após memoráveis debates, a Comissão de Justiça, da qual faço parte, opinou, inclusive com o apoio de líderes como Pedro Aleixo, Adauto Lúcio Cardoso e outros, pela constitucionalidade do projeto, o que vale dizer, pela legitimidade do registro do PC. Por motivos estranhos à nossa vontade, não foi concluída a votação da matéria, sem embargo da opinião dominante da Câmara ser a favor da ampla competição democrática de todos os partidos de quaisquer matizes. Assim acontece em tôdas as democracias ocidentais, tais como Itália, Inglaterra, França, etc.

Sôbre o recente pedido de registro eleitoral feito pelo PCB, o parlamentar manifestou-se nos seguintes têrmos:

"Votei na altura como os demais companheiros pela supressão do artigo discriminativo. Agora que nos achamos em face de um pedido de registro do PC, embora sem qualquer vinculação com os comunistas, mantenho-me coerente e entendo que o registro pedido deve e pode ser concedido. É ilusão supor que medidas coercitivas impedem a expansão das idéias. A falta de um registro do PC, o que se vê é o partido se insinuar em diversas legendas, sem que, no entanto, deixe de existir de fato. É melhor que as ideologias se definam claramente, sem subterfúgios, pois só assim colocaremos o povo diante das opções legítimas e se defenderá o autêntico processo democrático".

MAX DA COSTA SANTOS

Indagado a respeito do pedido de registro eleitoral para o PCB, o professor Max da Costa Santos, da Faculdade Nacional de Direito, manifestou-se a NOVOS RUMOS nos seguintes têrmos:

"Sou inteiramente favorável, por entender que só isso é democrático. A discriminação ideológica é incompatível com o exercício autêntico da democracia. No meu entender o regime democrático não é ainda uma conquista realizada no Brasil. Sê-lo-á quando o direito do voto fôr estendido a todos os brasileiros e a oportunidade de organização partidária se tornar extensiva a tôdas as correntes de pensamento".

ARNALDO ESTRÊLA

O consagrado pianista Arnaldo Estrêla fêz a NOVOS RUMOS as seguintes declarações a respeito da legalidade para o PCB:

"Em tôda verdadeira democracia as correntes de opinião se fazem representar nas assembléias políticas. A situação no Brasil pretendia colocar uma larga parcela da opinião pública à margem do processo político. A legalidade para o PCB virá corrigir uma situação irregular, portanto, em outras palavras, virá consolidar a democracia".

NO PARANÁ

Ernesto Gonçalves Mendes, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Londrina, no Paraná, fêz a seguinte declaração: "Coerente com as resoluções de todos os congressos de trabalhadores brasileiros, intransigentes defensores da Constituição e das liberdades democráticas nela inscritas, sou favorável ao registro do Partido Comunista Brasileiro e contrário ao artigo 58 da Lei Eleitoral".

Em Curitiba, ouvido pela sucursal de NR, o dr. Sebastião Vieira Lins, candidato a senador no Parana, afirmou em relação ao registro do PCB: "Num regime verdadeiramente democrático, todos os partidos que não atentem contra a democracia devem ser legalizados. A divulgação das idéias e os embates democráticos são motivos de politização e progresso na luta pela emancipação econômica do Brasil. Sou, portanto, pelo registro do PCB".

NR desmascara o farsante Flávio Cavalcanti

MARIANO BESER É AGENTE PROVOCADOR DA EMBAIXADA IANQUE

O «recuperador» de garotas do «strip-tease», Flávio Cavalcanti, fêz, segunda-feira última, no seu programa de televisão patrocinado por conhecido contrabandista, o que chamou de «uma séria denúncia à nação»: agentes comunistas infiltrados entre os camponeses do Estado do Rio estariam treinando em guerrilhas a lavradores, para a tomada de propriedades particulares e a criação de um clima de agitação e desordem, que é «o que interessa aos comunistas», segundo Flávio Cavalcanti. E apontou como instrutor das guerrilhas e mentor dos planos de agitação o indivíduo Mariano Beser, que teria à sua disposição, para cumprimento da missão «subversiva», largos recursos proporcionados pelo «ouro de Moscou».

No mesmo programa, Flávio, um intransigente defensor da livre iniciativa e da propriedade privada, investiu contra camponeses que estariam invadindo terras particulares, no Estado do Rio «numa violação clara e criminosa da Constituição».

Mais depressa se deixa apanhar o mentiroso do que o manco, diz a sabedoria popular. Principalmente se o mentiroso é manco, como Flávio Cavalcanti. Manco mental, cuja capacidade de imaginação não ultrapassa siquer o tamanho da bôca-júnior por onde transmite, com dificuldades (que são mais do cérebro), suas pobres provocações.

Sôbre as «terras particulares» das quais os camponeses estariam se apoderando pelo emprêgo da violência, no momento mesmo em que o locutor-marionete arengava a sua «denúncia» o governador José de Carvalho Janóti assinava decreto de desapropriação das glebas. Trata-se de terra grilada da cultura hortigranjeira da posseiros para incremento da cultura horti-granjeira da Baixada Fluminense.

Quanto ao "chefe de guerrilhas» Mariano Beser, instrumento utilizado pelo alcagüete do vídeo para engodar os incautos, não passa de um infiltrado. E' homem fartamente subvencionado pelos dólares de Washington, estreitamente ligado à embaixada norte-americana. E' elemento de confiança do Ponto IV (o famoso programa "assistencial" norte-americano), de quem recebeu milhares de dólares para realizar o seu "trabalho" entre os camponeses. Recebeu até jipe, novinho em fôlha, da entidade norte-americana (isto ocorreu há mais ou menos um ano) para melhor poder percorrer as zonas camponesas do Estado do Rio e Minas Gerais, onde desenvolve a sua atividade.

Beser foi destinado pelos ianques a realizar um "serviço" que requer muito sangue frio e cinismo: a insinuação junto aos camponeses para tentar levar a sua luta organizada a servir de pretexto para o desencadeamento de movimentos repressivos baseados na "imperiosa necessidade de conter o avanço comunista".

A farsa encenada por Flávio Cavalcanti — um ser de imaginação franciscana — não requer maiores esforços para ser desmascarada. Êle e Beser obedecem ao mesmo patrão. Flávio notòriamente; Beser camufladamente.

Nota Econômica

Josué Almeida

Energia elétrica e lubrificantes

Chegou ao climax o problema criado pelas concessionarias estrangeiras no setor da energia elétrica. A S. Paulo Light, cabeça do grupo Light e a maior dentre tôdas as emprêsas estrangeiras em funcionamento no Brasil, anuncia que seu programa de expansão chegou ao fim e que, de ora em diante, só se interessará pela distribuição da energia produzida por terceiros, vale dizer, pelos podêres públicos. No Estado do Rio, a incapacidade da concessionária em cumprir o contrato a que está obrigada, conduziu à situação atual, de racionamento da eletricidade, com tôdas as graves conseqüências conhecidas: interrupção de atividades básicas, diminuição das horas de trabalho na indústria, etc. Em Petrópolis, centenas de operários realizaram passeata de protesto, pedindo a encampação da emprêsa relapsa. O assunto foi pôsto na ordem do dia e o governador do Estado do Rio pediu o apoio de tôdas as fôrças políticas para adotar a medida reclamada pelos interêsses do povo fluminense. No Espírito Santo, sensível à pressão da opinião pública — que estava na iminência de transformar-se em explosão, se a subsidiária local da American & Foreign Power consumasse o escorchante aumento de tarifas anunciado — o govêrno estadual decretou a desapropriação dos bens da emprêsa, sendo logo imitido na posse da Companhia por decisão judicial. Também em Minas, está em discussão, para solução imediata, o problema da encampação da outra subsidiária da American & Foreign Power.

Que resta? No Rio Grande do Sul, o problema deixou de existir. Em Pernambuco, se bem que ainda não esteja claro o desfêcho final que o caso encontrará na justiça, o Estado já está dirigindo os serviços de eletricidade, com o término do contrato de concessão. Na Bahia, a animosidade geral — de tôdas as classes sociais — contra a outra subsidiária do monopólio ianque é tão grande que de pouco tem adiantado o ativo entreguismo do sr. Juraci Magalhães. No Paraná, a campanha pela encampação da outra [illegible] do polvo desenvolve-se dia a dia e também não está longe o momento em que a Companhia Luz e Fôrça Nordeste do Brasil (concessionária em Maceió e Natal) será eliminada como intermediário indesejável entre a Companhia Hidrelétrica do São Francisco e os consumidores daquelas duas capitais nordestinas. Quanto à Rio Light e à Companhia Paulista de Fôrça e Luz, subsidiária da American & Foreign Power e da qual é presidente o sr. Eugênio Gudin, alimentadas ambas pelos recursos públicos, via BNDE, não estão em situação muito diferente. A Rio Light, por certo, fará ampla publicidade com a inauguração de sua usina de Ponte Coberta, construída totalmente com recursos nacionais. Mas, ao que tudo indica, será também o seu canto de cisne.

• • •

Desde fins de maio que está sendo anunciado, como iminente, o tabelamento dos óleos lubrificantes, pelo Conselho Nacional do Petróleo. Já vai para três meses e nada de tabelamento. Por quê? Como se sabe, não é necessária nenhuma lei especial, nenhuma delegação de podêres para adoção desta medida. Tabelados já estão a gasolina, o querosene, o óleo Diesel e os óleos combustíveis. Por quê, então, não são tabelados os lubrificantes, fonte de lucros astronômicos para os trustes do petróleo no Brasil, e de onde saem os maiores recursos para as campanhas corrutoras da Esso, da Shell e companhia? Cada lata de óleo lubrificante custa ao truste, no máximo, 50 cruzeiros e é vendida aos distribuidores por 123 cruzeiros. Essa a razão pela qual um derivado que representa apenas 1,5% do volume físico de todos os derivados consumidos no país, carreia para os trustes uma receita de cêrca de 50 bilhões de cruzeiros, por ano, ou 20% do faturamento total dos derivados de petróleo.

• • •

No momento em que as fôrças nacionalistas se empenham a fundo na luta pela solução dos problemas nacionais, essas duas questões — a da energia elétrica e a dos óleos lubrificantes — devem estar no centro das atenções.

EM ENTREVISTA EXCLUSIVA A NR

Embaixador Alvaro Lins: "Desarmamento Total é o Mais Curto Caminho Para a Paz"

«Voltei de Moscou profundamente convencido de que apenas duas situações são capazes de manter a paz: o desarmamento total ou um fortalecimento tal do poderio militar socialista que chegue a desanimar os propósitos belicistas das nações potencialmente agressoras. Prefiro a primeira possibilidade, e estou convicto de que é realmente a mais exequível» — disse-nos o embaixador Alvaro Lins, consagrado escritor e chefe da delegação brasileira ao Congresso Mundial pelo Desarmamento Geral e pela Paz, realizado na capital soviética de 9 a 14 de julho último.

O embaixador Alvaro Lins explicou sua confiança na vitória do desarmamento afirmando que o congresso foi uma «demonstração definitiva da vontade de paz de todos os povos». E acrescentou: «a reunião de Moscou foi a maior conferência não-oficial, isto é, não convocada por iniciativa governamental, que já se realizou no mundo: mais de duas mil pessoas, altamente representativas de seus países e de tôdas as raças debateram durante cinco dias, com a maior liberdade e sem um mínimo vestígio de restrição, a questão crucial do momento para a humanidade, a manutenção da paz. E os resultados das discussões não deixaram dúvidas quanto ao desejo dos povos de ver proscritos os armamentos».

REVELAÇÃO

A entrevista é como que informal. O embaixador conversa e, entusiasmado, é como uma fonte a jorrar palavras. Presentes — estamos em sua residência, no Parque Guinle — sua senhora, embaixatriz Heloisa Lins, sua filha Teresa, o médico Valério Konder, os jornalistas Nestor de Holanda e Oleg Ignatiev (do Komsomolskaia Pravda de Moscou, que fôra pedir ao escritor um artigo sôbre o congresso para o jornal que representa) e a universitária Zélia Brizeno, estudante de pintura. Alvaro Lins, irrequieto, responde a perguntas do repórter e ao mesmo tempo dirige-se a um dos presentes ou a todos de uma vez, comentando um episódio importante do congresso ou fazendo uma observação de valor a respeito da situação mundial.

Fala do discurso pronunciado pelo presidente do Conselho de Ministros da URSS, Nikita Krushiov, apresentando sua proposição de desarmamento. E faz uma revelação interessante: «a parte fundamental do discurso de Kruschiov me era familiar desde 1959, quando foi apresentada uma proposta soviética de desarmamento. Desde logo acreditei na sua viabilidade e na sua sinceridade. Estava, na ocasião, em Roma, e transmiti ao nosso govêrno os têrmos da proposta».

Ainda sôbre a oração do «premier» soviético, afirmou: «é um documento que honra o govêrno da URSS». E aduziu: «os céticos e os inimigos da paz dizem tratar-se de uma utopia o plano de desarmamento exposto no discurso. E' o caso de perguntarmos: melhor que considerá-lo utópico não será experimentar a sua viabilidade?»

SEGRÊDO DIPLOMÁTICO

"O discurso do chefe do governo soviético — continuou o ilustre diplomata e escritor — contém um trecho da mais transcendental importância e realmente sensacional e inédito em documentos do gênero: a revelação de um segrêdo diplomático. E quando Kruschiov afirma que os representantes do govêrno norte-americano têm dito francamente aos delegados soviéticos em Genebra que o govêrno dos Estados Unidos jamais firmará um tratado de desarmamento geral e completo e que se o fizesse o congresso americano não o ratificaria nunca".

Diz o embaixador Alvaro Lins: "há aí a considerar a declaração implícita do govêrno dos Estados Unidos de que o plano soviético é viável, além da confissão melancólica de que as autoridades norte-americanas não ousam enfrentar os representantes dos círculos belicistas no Congresso".

EMOÇÃO

Coube ao Brasil presidir a uma das reuniões do congresso, logo na manhã do segundo dia de trabalho. A sessão foi dirigida por Alvaro Lins. E êle confessa: "foi uma das grandes emoções de minha vida". E adianta: "nessa reunião falaram alguns dos oradores mais importantes, como por exemplo, o reverendo Collinger, da congregação da catedral de São Paulo, de Londres, e presidente do Movimento pelo Desarmamento Nuclear da Inglaterra". O respeitado intelectual refere-se então às grandes personalidades que compareceram ao Congresso. Fala, entre outros, de Mário de Andrade, o líder da luta pela libertação de Angola, do presidente da Assembléia Nacional da Iugoslávia, e recomenda que não esqueçamos de escrever que Sartre presidia a delegação francesa. Conta em seguida da comoção provocada no plenário pela intervenção de uma delegada norte-americana que pedira desculpas à assembléia "por vir o seu país realizando experiências com armamentos nucleares enquanto se desenvolvia a conferência de desarmamento em Genebra".

SÔBRE UMA MENTIRA

O embaixador não esconde sua revolta diante do noticiário deliberadamente mentiroso do "Correio da Manhã", que afirmara não ter o pintor Di Cavalcanti, um dos integrantes da delegação brasileira, ido a Moscou, preferindo ficar em Paris. Alvaro Lins repele a infâmia. Assevera: "Di Cavalcanti teve participação destacada no congresso, e na reunião por mim presidida êle e o urbanista Lúcio Costa estiveram, a meu convite, sentados à mesa diretora dos trabalhos". E acrescenta: "a presença dos dois grandes artistas nacionais no lugar de honra representou uma homenagem da delegação do Brasil aos artistas do mundo inteiro, representados ali por vários expoentes mundiais de tôdas as artes".

CLIMA DE PAZ

"O ambiente de paz não estêve limitado ao desenrolar do congresso" — prosseguiu o autor de *Missão em Portugal*. E acrescentou: "por tôda a parte onde andei — e estive em Moscou, Kiev e Leningrado, visitando o que quis, quando quis e falando com quem quis e da maneira que quis — observei que a paz é um estado de desejo do povo soviético. Comecei a deixar-me possuir desta convicção quando da recepção espontânea prestada a todos os delegados pela população moscovita, uma manifestação realmente inexcedível em carinho e sinceridade".

"Não se pode conhecer um povo em oito dias — afirmou — mas pode-se senti-lo. Tendo o hábito de viagens, sei multiplicar as oportunidades de entrar em contacto com as pessoas do povo. Conversei principalmente com operários, falando com muitos dêles em espanhol e até mesmo em português. Quando a língua era obstáculo a intérprete, Elena Wolf, do Instituto de Línguas da Academia de Ciências da URSS, pessoa cativante e amabilíssima, resolvia tudo. Não me ficou impressão do anseio de paz dos soviéticos, ficou certeza".

BRASILEIROS E A PAZ

"Discursando em nome da delegação brasileira procurei ser intérprete fiel das convicções pacifistas de nosso povo — prosseguiu o embaixador. "Disse ao congresso que nosso povo sabe que as agressões militares sòmente servem ao imperialismo e que é consciente do que representa a URSS para a paz e para o progresso social. Afirmei que no Brasil o povo vale mais do que as classes dirigentes e que a opinião pública vale mais do que o govêrno. Afirmei que o povo brasileiro luta pelo mesmo objetivo buscado por todos os que estavam ali representados: a paz, cuja capital hoje é Moscou".

DA CULTURA

Escritor num país onde o govêrno relega a literatura a um injustificável secundarismo, Alvaro Lins não contém um registro de admiração pela maneira como é tratada na União Soviética a cultura. Fala do respeito à memória dos grandes escritores, lembrando que muitas das principais vias públicas de Moscou têm a honrá-las nomes de grandes vultos da literatura. E cita exemplos: "ruas Gorki e Puchin, praça Maiacovski, entre muitas outras". Refere-se com entusiasmo aos museus de escritores e diz palavras de elogios à conservação dos monumentos dos tempos taaristas que visitou em Leningrado. Por último exibe ao repórter a fotocópia de um rascunho de tradução de um poema de Tomás Antônio Gonzaga, feita por Puchin. E afirma que vai escrever sôbre o assunto.

DE JORGE AMADO AO CONGRESSO DA PAZ

Impossibilitado de comparecer ao Congresso Mundial pelo Desarmamento Geral e pela Paz, realizado em Moscou de 9 a 14 de julho passado, o escritor Jorge Amado enviou aos participantes daquela grande assembléia a seguinte mensagem:

"Saúdo o Congresso pelo Desarmamento e pela Paz Mundial que se reúne em Moscou, na certeza de que êle será importante contribuição para uma política de coexistência pacífica entre as nações e para a criação de condições que assegurem à humanidade uma era de paz e de progresso.

As delegações que se encontrarão em Moscou, representando os mais diversos povos, dirão certamente do desejo dos homens simples do mundo inteiro: viver sem o temor de uma nova guerra, sem o temor da bomba atômica, viver e trabalhar com tranqüilidade, sem a terrível ameaça que atualmente pesa sôbre todos nós.

O desarmamento é o grande problema que está diante de nós e que necessitamos resolver. O Congresso de Moscou exprimirá, estou certo, a disposição de grandes massas populares de tomar o problema em suas mãos e exigir sua solução imediata.

Desejo aos delegados dêste grande Congresso, grande sucesso e bom trabalho. Suas decisões terão o apoio e o aplauso de muitos e muitos milhões de homens em todos os países".

Rio de Janeiro, julho de 1962.

JORGE AMADO

PETROBRÁS INCENTIVA A INDÚSTRIA NACIONAL

"Para atender as suas múltiplas atividades de prospecção, produção, refino e transporte, necessita a PETROBRÁS de adquirir no País e no exterior inúmeras espécies de materiais e de equipamentos, cujas compras ultrapassaram a casa dos 12 bilhões de cruzeiros no ano passado, devendo êste ano elevar-se a mais de 18 bilhões de cruzeiros.

A atual política de compras adotada pela PETROBRÁS tem por propósito a centralização da compra dos grandes itens, a fim de permitir encomendas maciças que reduzam os preços, mediante concorrências que se realizam no País e no exterior. Por outro lado, no sentido de propiciar aos mercados locais maior participação nas compras dos materiais que estejam em condições de fornecer, adotamos a diretriz de deslocar tais aquisições para êsses mercados".

"Está sendo reaparelhado o órgão central de compras da Emprêsa, com vistas a obter a centralização das aquisições dos grandes itens, para permitir a realização de tomadas de preços que tragam reais vantagens econômicas para a PETROBRÁS.

Em recente tomada de preços realizada para a aquisição de 22 000 toneladas de chapas de aço, destinadas à construção de tanques, a PETROBRÁS conseguiu uma economia de US$ 547 000,00, num montante de US$ ... 2 068 000,00, diferença de preço obtida sôbre um segundo colocado.

A compra dessas chapas será realizada no Japão, com financiamento de 5 anos, em condições altamente satisfatórias para a Emprêsa".

"Uma compra realizada na Tcheco-Eslováquia, de tubulação de perfuração, num total de US$ 1 589 371,41, determinou uma economia de cêrca de US$ 649 995,67.

Outro problema focalizado é o do melhor entrosamento da Emprêsa com a indústria nacional, possibilitando-a a concorrer em têrmos de prazo e preço com a indústria alienígena. Para tornar possível essa igualdade de posição de concorrência do mercado interno com o externo, tornou-se necessária a elaboração de um planejamento prévio de compras dos grandes projetos, com a indicação dos itens de equipamentos e de materiais necessários, a fim de ser consultada a indústria nacional, quanto ao seu interêsse em fornecer tais equipamentos.

Essa indicação dos grandes itens de compra de diferentes projetos permitirá, também, às indústrias nacionais, melhor aparelharem-se para as demandas de prazo e exato cumprimento de especificações.

Com êsse conhecimento antecipado à indústria, das nossas necessidades, no decurso de um determinado período, abrimos novas possibilidades de maior participação da indústria nacional nos diferentes projetos da PETROBRÁS.

Outra meta que está sendo atingida nessa administração é a de melhor incentivo à indústria pioneira, interessando-a no fabrico de equipamentos e acessórios para a indústria de petróleo. Medidas em benefício dêsse incentivo estão sendo estudadas com o propósito de levar a indústria nacional a interessar-se em fornecer à PETROBRÁS equipamentos e materiais que vêm sendo importados.

Assim, vem realizando a PETROBRÁS a sua missão, pela emancipação do Brasil, pelo desenvolvimento integrado da economia brasileira, em benefício de todos que trabalham e vivem em nosso País."

(Da entrevista do Prof. Francisco Mangabeira em 30/7/62).

Canto de Página — Escida

Ohs! e ahs!

Há sem dúvida uma idade para as exclamações: idade em que tudo se apresenta como descoberta, como se o mundo estivesse nascendo naquele momento. Então é aquêle viver em oh! em ah! Depois elas vão rareando, vão se tornando mais espaçadas, um encantamento lembrando outro, uma descoberta falando em outras descobertas. Chega-se então a exclamar os "ohs" e "ahs" em outro tom, já sem o imponente ar inicial. O tempo ensina muito.

Tudo isso para contar que sem querer, tendo vivido muito profundamente a vida, amando-a pelo que ela representa de luta, apesar de ter passado, de há muito, a idade das exclamações, não pude deixar de dizer um oh! um tremendo oh! cheio de nôjo, diante da absolvição dos rapazes (sic) do MAC que jogaram bombas na Exposição Soviética. Era mais natural, muito mais, que eu não usasse uma interjeição ou uma exclamação. Mas o fato aconteceu. (Perdoem todos êsse meu atestado de burrice.) Vimos o que foi o processo, acompanhamos pelos jornais os depoimentos e desde logo sentimos que a coisa ia dar no que deu, tanta palhaçada já trazia em si. Lameirão? um doente mental, muito digno da chamada piedade cristã. Vai continuar jogando suas bombas, pode até matar multidões, mas é um doente que merece a consideração dos juízes e de todos aquêles que estão empenhados em transformar êste país numa senzala.

Vocês lembram aquêle pobre diabo, também débil mental, que ateou fogo ao circo de Niterói? Houve algum juiz capaz de citar Olegario Mariano, absolvê-lo com versos chôchos? Não sei onde andará êle, mas com certeza come cadeia feia, passa o diabo e é — como Lameirão — um débil mental. Contra êle levantaram-se todos os ódios. Mas os das bombas na UNE, na Embaixada Soviética, na Exposição Soviética, êsses saíram já da cadeia cobertos de rimas e estrofes que um juiz muito dado à literatura resolveu jogar como flôres sôbre suas cabeças assassinas. Quantas vêzes atentaram êles contra a vida de outros? Vão continuar atentando, pois para isso estão protegidos e são abençoados pelo govêrno desta cidade, não se falando dos Estados Unidos que olham êsses "deliciosos" assassinos com olhos de pai e mãe. Milhares de pessoas podiam ter morrido na Exposição Soviética se a bomba que lá colocaram explodisse. Felizmente nada aconteceu. Mas a bomba existiu, estava lá, foi fotografada, apareceu em especial pôse nos jornais.

Meu oh! aquêle oh! cheio de nôjo que exclamei quando li a notícia da absolvição dos homens do MAC estava errado eu sei, mas veio de dentro de mim mesma, honestamente, pelo que mereço perdões. Mesmo estando na certeza de que êles seriam absolvidos e até aplaudidos pela sua ação que só por acaso não foi de mortandade tremenda, meu oh! saiu sem querer. Um homem honesto nunca se espanta, dizia o velho Voltaire. Esqueci isso diante dessa absolvição. E como nada mais posso fazer lanço aqui o meu protesto. Que minha voz rouca e sem brilho se una à tôdas as vozes brasileiras que viram nesse ridículo processo a absolvição dos inimigos do povo. As bombas continuarão, com certeza. Pelo que protesto.

Anúncios Classificados

ADVOGADO — Rubens Pereira Pinto — Horário: das 2as. às 6as. feiras, das 16.30 às 18.30 horas. Rua Silveira Martins, 70 — 2º andar — s/210. Tel.: 32-6822 — S. Paulo

Ajuda a NOVOS RUMOS

Wladimir Carvalho (João Pessoa)	100,00
Comerciários de Belo Horizonte (Minas)	460,00
Portuguêses de Vila Rosaly (E. do Rio)	1.500,00
A. F. P. (Rio — GB)	200,00
Boa Vontade (J. S. Meriti — E. Rio)	200,00
Marítimo Patriota (Rio — GB)	500,00
Paulo Cesar (Rio — GB)	700,00
Um amigo (Rio — GB)	1.000,00

FOLHETOS

Leiam:

— Conferências dos Representantes dos Partidos Comunistas e Operários — Cr$ 40,00

— Programa e Estatutos do Partido Comunista Brasileiro — Cr$ 15,00

— Resolução dos Comunistas Sôbre a Crise Política e o Govêrno Jango-Tancredo Neves — Cr$ 10,00

Pedidos pelo Reembôlso Postal (mais de 5 exemplares) a:

Aliança Editôra Ltda.
Av. Rio Branco 257 — sala 905
Rio de Janeiro — Guanabara

Tópicos Típicos — Pedro Severino

ESOPO

Esopo — o célebre fabulista escravo da antiga Grécia — ia levando um recado de seu amo para um amigo dêste quando foi detido na rua e interpelado por uma autoridade policial:

— Para onde vais, escravo?

— Não sei, respondeu Esopo.

Achando esta resposta petulante, o policial ordenou aos sicários que o acompanhavam que prendessem o escravo. E, ao ser levado para a prisão, o famoso fabulista não pôde deixar de sorrir:

— Vê o senhor como eu tinha razão? Não sabia para onde iria.

DIÓGENES

Um ateniense hipócrita mandou gravar sôbre a porta da sua casa uma inscrição que dizia: "Nessa casa não entra o mal".

O filósofo Diógenes, vendo isto, perguntou-lhe:

— Tua mulher não estranha a tua ausência?

HEGESIAS

Hegesias eram um sofista que pregava o suicídio. Chegara à conclusão de que a melhor coisa da vida era a morte. Conseguiu induzir diversos moços de Atenas ao suicídio, mas não adotou, pessoalmente, o remédio que receitava. Quando lhe perguntaram por que continuava vivendo, explicava:

— Porque sou o único homem capaz de explicar a beleza da morte aos outros e por isso tenho a obrigação de permanecer vivo, a fim de prosseguir nos meus ensinamentos.

Só morreu aos oitenta e tantos anos, de velhice.

ZÊNON

Prêso e condenado à morte por Nearca, rei de Líparj, o filósofo Zênon de Eléa, na hora da execução, chamou o rei e disse-lhe ter um segrêdo de grande importância para transmitir. O tirano aproximou-se do pensador acorrentado e curvou-se para escutá-lo. Êste, então, num gesto rápido, decepou-lhe a orelha com os dentes.

DIÓGENES (BIS)

Vendo passar alguns magistrados com uma escolta de guardas levando uns ladrões para enforcar, Diógenes começou a bradar:

— Lá vão os ladrões grandes enforcar os pequenos!

Revistas Soviéticas

Mensalmente
Via aérea
Diretamente
Ao seu endereço

Você receberá notícias atualizadas da vida do povo soviético e das suas realizações no domínio da economia, da política, da ciência, da técnica, da cultura, da arte e do esporte.

Peça hoje mesmo a sua *assinatura*

Union Sovietica	Cr$ 600,00
Films Soviéticos	Cr$ 500,00
Literatura Soviética	Cr$ 500,00
Tiempos Nuevos (semanário)	Cr$ 500,00
Novedades de Moscu (semanário)	Cr$ 450,00
La Mujer Sovietica	Cr$ 350,00
Cultura y Vida	Cr$ 350,00
International Affairs	Cr$ 350,00

Escreva-nos enviando o valor correspondente ao seu pedido em cheque ou vale postal.

Rio de Janeiro: Editorial Vitória Limitada
Rua Juan Pablo Duarte 50 - sobrado
Caixa Postal 165 - Telefone 22-1613

São Paulo: Agência Intercâmbio Cultural
Jurandir Guimarães
Rua 15 de Novembro 228 - Sala 209

O CONGRESSO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL E SUA IMPORTÂNCIA POLÍTICA

Carlos Marighella

Nos dias 21, 22, 23 e 24 de agôsto será realizado em São Paulo o Congresso de Libertação Nacional. Este conclave foi convocado através de um manifesto (com data de primeiro de maio) que a imprensa brasileira já divulgou.

Assinam o manifesto de convocação governadores de vários Estados, parlamentares, prefeitos, líderes sindicais, líderes camponeses, estudantis e populares, líderes femininas, dirigentes de várias organizações, além de intelectuais, sacerdotes e militares, bem como políticos e muitas outras personalidades.

Os signatários do manifesto de convocação pertencem a classes e camadas sociais diversas. Filiam-se a correntes ideológicas e partidos políticos diferentes. Não obstante suas diferenças de opinião sôbre inúmeros problemas, querem a unidade do povo na luta pela emancipação. Daí porque dizem no início do manifesto: "O momento histórico que o país atravessa impõe a união do povo, sem demora, num amplo movimento pela emancipação nacional e o progresso".

Trata-se de um pronunciamento de fôrças da frente única. E é significativo que essas fôrças tenham chegado a uma conclusão unitária, concordando em convocar o Congresso de Libertação Nacional. Isto quer dizer que as fôrças progressistas, nacionalistas e democráticas por intermédio de muitos de seus elementos representativos, alcançam um nível mais elevado de compreensão. Julgam chegado o momento de estabelecer a unidade em tôrno de questões fundamentais de nossa emancipação.

Convocado, assim, de maneira ampla, o Congresso de Libertação Nacional é um congresso patriótico. Ele constitui no atual momento um centro para onde devem convergir as atividades das fôrças que lutam pelo progresso, a paz, a liberdade e a emancipação nacional.

A sociedade brasileira está minada por agudas contradições com o imperialismo e o latifúndio, contradições que impedem o rápido desenvolvimento do país pelo caminho independente. Os graves problemas que afligem as massas, como a inflação, a alta vertiginosa dos preços, a carestia e a sonegação dos gêneros não foram resolvidos até agora. O atual govêrno Jango-Brochado da Rocha, pela sua composição de classe e conteúdo político, está afastado do povo. Prossegue conciliando com o imperialismo e o latifúndio. Por isso mesmo, a tarefa gigantesca de emancipar o país, iniciando reformas de base e dando solução radical aos problemas brasileiros, conquistando um govêrno diferente e mudando classes no poder, recai sôbre os ombros das massas e suas organizações de vanguarda.

Para ajudar o povo no cumprimento desta tarefa, resoluções de profundo sentido emancipador e progressista virão certamente a ser adotadas no Congresso de Libertação Nacional, particularmente no que diz respeito ao conteúdo de classe e ao tipo de govêrno de que necessita o povo brasileiro para alcançar sua emancipação.

Importante objetivo político também a ser conseguido no Congresso de Libertação Nacional é a aprovação de um programa de libertação nacional, pelo qual o povo brasileiro se norteie em sua luta contra o imperialismo e o latifúndio. Outra grande finalidade a atingir é o apoio maciço do Congresso de Libertação Nacional ao prosseguimento do trabalho pela organização e consolidação da Frente de Libertação Nacional.

O povo necessita de um instrumento de massas capaz de libertá-lo da dominação e exploração do imperialismo e do latifúndio. Êste instrumento é a frente única antiimperialista e antifeudal, cuja forma se esboça na FLN. Não se pode esperar que a FLN se constitua e desenvolva espontaneamente. Ela terá que ser obra consciente, fruto da elevação do nível de consciência política do povo, instrumento de sua luta permanente pela emancipação nacional.

A luta contra o imperialismo, pela nacionalização das emprêsas estrangeiras de serviços públicos, contra a remessa de lucros para o estrangeiro, a luta pelas reformas de base, principalmente pela reforma agrária radical com a extinção do latifúndio, pela reforma urbana e a reforma universitária são outras questões que exigem o pronunciamento do Congresso de Libertação Nacional.

Cabe aqui destacar o papel do Congresso de Libertação Nacional na luta pela defesa das liberdades democráticas, na conquista do direito de voto aos soldados e marinheiros e aos analfabetos, no combate às discriminações ideológicas que persistem na vida política brasileira. Faz-se necessário, igualmente, nessa grande assembléia do povo, o pronunciamento por uma política externa independente e de defesa de nossa soberania e pela imediata melhoria das condições de vida do povo, com o combate à carestia e à sonegação dos gêneros.

Em lugar de relêvo surge a questão da renovação do parlamento, sobretudo quando o Congresso de Libertação Nacional é convocado no mesmo ano em que se travará o pleito eleitoral.

Será evitado, por certo, o apoio a candidaturas eleitorais, o que comprometeria o conclave, ocasionaria sua divisão e lhe tiraria o profundo sentido de definir e encaminhar a luta do povo, em caráter permanente, pela sua emancipação. Ao mesmo tempo, não poderá deixar de ser criticado e combatido o procedimento da maciça maioria reacionária do parlamento, favorável ao imperialismo e ao latifúndio e contrária às reformas de base e aos interêsses do povo. O apêlo geral ao povo, entretanto, para que além da greve geral e outros meios, use a arma do voto e busque renovar o parlamento é ainda um meio de luta possível, dentre os vários recursos à disposição das massas no processo de acumulação de fôrças e da luta pela amancipação nacional.

O Congresso de Libertação Nacional necessita de uma ampla cobertura de massas, com a participação de numerosas delegações de homens e mulheres vindos de todos os recantos do país. Mas o seu principal ponto de apoio está no movimento sindical que, por seu turno, fará realizar em São Paulo, nos dias 17, 18 e 19 de agôsto, o IV Encontro Nacional dos Sindicatos; está igualmente no movimento camponês e no movimento estudantil. Sendo uma iniciativa onde se patenteia a ação da frente única, o Congresso de Libertação assenta sua base na aliança entre operários, camponeses e estudantes, alicerce sôbre o qual se desenvolverá e fortalecerá a luta pela emancipação nacional.

O Congresso de Libertação Nacional será um marco histórico na luta do povo brasileiro, visando a livrá-lo dos entraves que lhe são opostos pelo imperialismo e o latifúndio, pelas fôrças reacionárias e a ação do golpismo.

Os comunistas, por sua vez, como a fôrça mais conseqüente da frente única, dão o seu pleno apoio à realização do Congresso de Libertação Nacional e batem-se pelo mais completo êxito dessa importante assembléia.

Concurso de Rainha: Sônia é candidata de Deodoro

Sônia Dias Trindade (foto) foi a primeira a inscrever-se no "Concurso de Rainha da Primavera" patrocinado por NOVOS RUMOS. Convidada a participar do concurso por uma comissão de Deodoro, Sônia, que é estudante, aceitou lutar pelo cetro.

Visitando nossa redação, a candidata declarou ser a primeira vez que participa de um certame dessa natureza, estando lisongeada pela escolha dos moradores de Deodoro e bastante confiante na vitória.

A comissão que acompanhou Sônia em sua visita a NR afirmou que Deodoro mais uma vez elegerá a rainha, porquanto em concursos anteriores já obtiveram duas vezes o primeiro lugar, e duas vêzes o segundo. E a beleza de Sônia, sem dúvida, muito ajuda.

A Comissão de Deodoro que apresentou a candidata, tudo fará para dar a Sônia o cetro da beleza da primavera, já [illegible] para isso, inteiro programa social- esportivo-recreativo. Assim, serão realizadas festas dançantes e disputados vários torneios de futebol de salão, vôlei, damas, etc., com a participação de inúmeras equipes.

BARNABÉS OUVIRÃO MARCO ANTÔNIO FALAR DA CARESTIA

Dando prosseguimento à série de palestras que vem realizando em entidades sindicais, associações de bairro e clubes esportivos — tôdas de esclarecimento sôbre o problema da carestia e a situação nacional — o jornalista e economista Marco Antônio Coelho estará presente, no próximo dia 14, às 18,30 horas, na sede do Sindicato dos Taifeiros, à rua Senador Pompeu, 122, quando falará aos barnabés. A palestra é promovida pelo Clube dos funcionários do IAPM.

Antes, no dia 12, Marco Antônio estará no Esporte Clube Benjamim, no bairro do Colégio, às 16 horas, falando à população do laborioso bairro guanabarino.

PANIFICADORES DA GB: SINDICATO TEM NOVA DIRETORIA E CONSELHO

Foi eleita e empossada a nova diretoria do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Panificação, Confeitaria, Produtos de Cacau e Balas e de Torrefação e Moagem de Café do Estado da Guanabara.

Os novos dirigentes da combativa entidade, que deverão dirigir suas lutas e atividades no biênio 62-64, são os seguintes: presidente, Manoel Leal de Abreu; secretário-geral, Inaldo de Lima Rocha; 1º secretário, Antônio Liodorio Feitosa; 1º tesoureiro, Augusto da Cunha Vieira; 2º tesoureiro, José Antônio Amorim. Conselho Fiscal: Ary Franco Caldas, Helles Santos e João Vidal de Negreiros. Representantes no Conselho da Federação: Inaldo de Lima Rocha, Hélio Mendes e Oscar Monteiro Júnior.

70 MIL METALÚRGICOS DA GB PRONTOS PARA A GREVE GERAL

Os 70 mil trabalhadores nas indústrias metalúrgicas, mecânicas e do material elétrico da Guanabara e dos municípios fluminenses de Duque de Caxias, Meriti e Nilópolis, paralisarão suas atividades, a partir do primeiro minuto do próximo dia 14, caso até lá não lhes tenha sido assegurado um aumento salarial na base de 70%.

A decisão foi adotada por cêrca de 10 mil trabalhadores da categoria, que se reuniram na assembléia geral do último dia 2, quando resolveram recusar a proposta do DNT, aceita pelos empregadores, oferecendo-lhes um aumento de 55%, a partir de 1 de agôsto corrente. Uma nova assembléia foi marcada para o próximo dia 13, para a deflagração da greve geral, caso até lá as reivindicações dos trabalhadores não tenham sido atendidas. Enquanto isso, novos entendimentos processam-se no Tribunal Regional do Trabalho, onde se espera surja uma nova proposta capaz de atender às necessidades salariais dos operários. Inúmeros empregadores, sentindo a decisão inabalável expressa pelos trabalhadores, no sentido de conseguir um aumento salarial capaz de fazer face à alta do custo da vida, procuram assinar acôrdos em separado.

BAILBY AUTOGRAFARA BERLIM

Hoje, quinta-feira, a partir das 21 horas, Edouard Bailby, estará na Livraria Eldorado, Av. N. S. de Copacabana, Pôsto 5, autografando o livro de sua autoria *Berlim entre duas Alemanhas*. O livro de Bailby foi publicado pela Editorial Leitura.

ENGENHO DO MATO DESMENTE LACERDA: FAVELADOS NÃO TÊM ÁGUA NEM ESCOLA

O jornalista Marco Antônio Coelho estêve domingo, dia 5 de agôsto, na Favela do Engenho do Mato, em Tomás Coelho, onde moram mais de 1 200 famílias, realizando uma palestra sôbre a carestia.

Encerrada a conferência, moradores do local cercaram o jornalista para uma conversa informal, relatando na ocasião uma série de problemas locais que mostram enormes dificuldades que enfrentam. Foram destacadas as questões da água e da escola, que desmentem flagrantemente as alardeadas "soluções" de Lacerda.

OS CANOS

Há quatro anos, com grandes sacrifícios, os moradores da favela resolveram reunir-se para enfrentar o problema da água. Arranjaram os canos, ligaram-nos à adutora do rio D'Ouro e puxaram o encanamento, subterrâneo em alguns lugares, até o alto do morro. A pressão da água, contudo, era pouca, chegando apenas para levar o líquido até a metade da encosta da favela.

Foi quando apareceu o sr. Domingos, cabo eleitoral de um político da zona da Leopoldina, e prometeu que construiria uma caixa d'água no alto do morro e instalaria uma bomba para levar a água para cima, bastando que cada morador contribuisse com quinhentos cruzeiros.

De posse do dinheiro, o sr. Domingos não só desapareceu sem falar mais em caixa d'água, como levou consigo os canos que esperavam instalação da metade do morro para cima.

FALTA ÁGUA

Apesar de todo esfôrço para fazer a canalização, os favelados do Engenho do Mato não têm água. Porque um funcionário do Departamento de Águas do govêrno Lacerda mantém o registro fechado durante vários dias, para que o líquido destinado à favela vá para outros bairros mais ricos.

Às vêzes o registro é aberto, mas sempre à noite, o que obriga os moradores a se levantarem para carregar latas d'água na cabeça.

Além dessas, outras dificuldades impedem o funcionamento do encanamento tão penosamente construído. Entre elas a pouca largura dos canos (3/4 de polegada), o que não permite que a água chegue para todos, e os caminhões pesados que arrebentam os canos que passam sob o asfalto da Av. Automóvel Clube, obrigando os moradores a ingentes trabalhos para consertá-los.

ESCOLA

Desmentindo tôda propaganda de Lacerda, não existe no local nenhuma escola para as crianças, que têm de ir estudar em Cavalcanti, necessitando atravessar uma estrada de rodagem e outra de ferro, sem cancela. Há pouco tempo, aliás, uma criança foi atropelada na rodovia.

Mas nem todos podem estudar, porque o número de vagas é pequeno. E outros não podem porque a diretora da escola exige que os alunos compareçam de sapatos e muitos pais não podem comprá-los para todos os filhos.

ASSOCIAÇÃO

Para fortalecer e melhor organizar suas lutas, os favelados do Engenho do Mato vão constituir sábado, 18 de agôsto, às 19 horas, sua Sociedade de Amigos do Bairro.

Juraci Prepara Chacina de Camponeses em Belmonte

"Apelamos à solidariedade a fim de coibir arbitrariedades e a destruição de nossas roças de duas mil tarefas de mandioca" — é o apêlo que nos manda o camponês Sebastião Canuto, presidente da Associação dos Posseiros de Pancada, do município de Belmonte, na Bahia. O líder camponês informa, em seu telegrama, que "a Polícia do governador Juraci Magalhães, acampada no povoado de Santa Maria, município de Belmonte, com a missão de expulsar pela fôrça das armas, os pacíficos posseiros começa a praticar violências, já havendo dez prisões, inclusive de mulheres".

A VERDADEIRA HISTÓRIA

Alguns jornais, tanto da Bahia como do Rio, referem-se ao caso dando a impressão de que os camponeses de Belmonte invadiram terras e iniciaram no sul da Bahia uma luta de guerrilhas. Êsse noticiário não passa, entretanto, de uma farsa encomendada por uma família de latifundiários e pelo governador Juraci Magalhães.

A verdade é outra. A antiga sesmaria "Genebra" cuja sede é a fazenda "Tuluti", é um feudo de propriedade do sr. José Nogueira, que por volta de 1929 deu consentimento aos lavradores para se instalarem no centro da mata e aí construírem pequenas propriedades. Daí para cá as economias dos pequenos lavradores cresceram, constituindo hoje um grande patrimônio. A maioria dos lavradores tem mais de 10 anos nas terras. Só de mandioca há um plantio de mais de duas mil tarefas, bem como outras plantações. Ao todo, o local é habitado por cêrca de três mil pessoas, tôdas empenhadas no árduo trabalho da terra.

Há algum tempo, o filho do latifundiário — José Nogueira Filho — conseguiu de um juiz da cidade de Belmonte uma liminar autorizando a expulsão dos velhos camponeses. Foi êsse mesmo juiz, aliás, que anteriormente havia autorizado a destruição do povoado de Nova Brasília, onde centenas de famílias perderam, da noite para o dia, tudo o que tinham conseguido através de um penoso trabalho. Êsse juiz, que é além do mais um inveterado alcoólatra, repete agora a façanha contra as famílias camponesas de "Genebra".

JURACI QUER EXPULSAR

Assim que foi concedida pelo juiz a liminar, o sr. Juraci Magalhães, sem ao menos procurar uma solução conciliatória, apressou-se em determinar ao destacamento policial de Itabuna que expulsasse de qualquer forma os camponeses. Em face dessa ordem, o capitão Horton Pereira de Olinda seguiu para a localidade com um contingente de cerca de 100 soldados da polícia baiana. O contingente aquartelou na vila de Santa Maria, próxima às posses dos lavradores, dando ordem de fazer fogo. A primeira descarga de tiros deu-se na manhã de 30 de julho. Queriam "experimentar" os camponeses, como disse o capitão Horton. A fim de confundir a opinião pública e dar-lhe a impressão de que a polícia age contra "desordeiros" e "elementos subversivos", o govêrno do sr. Juraci e alguns jornais difundem a falsa versão de que os camponeses estão armados até os dentes e realizam ações de guerrilha. Querem com isso simplesmente justificar o crime que está sendo cometido, a serviço dos latifundiários. O presidente da Associação de Posseiros, Sebastião Canuto, falando ao semanário itabunense "Jornal de Notícias", declarou: "Não queremos muito. Desejamos apenas que nos deixem em paz, que não tirem de nossos filhos o alimento que custou meses e meses de suor, de sacrifício, de fome, de desespêro, de perigos que tivemos de enfrentar para cabrucar a mata. Se o govêrno não atender ao nosso apêlo, se preferir jogar irmãos contra irmãos, o sangue que aqui fôr derramado pesará em sua consciência".

Sabe-se que novos contingentes policiais foram mandados de Salvador para Belmonte a fim de que a chacina dos camponeses pretendida pelo sr. Juraci Magalhães seja feita em pouco tempo.

DEFENDEM-SE OS CAMPONESES

Os camponeses de Belmonte estão dispostos, como é claro, a defender a terra que trataram e plantaram e de onde tiram o sustento de suas famílias. Nesse sentido, dirigiram-se ao presidente da República, ao Conselho de Ministros e à Câmara Federal, assim como às organizações de trabalhadores e estudantes. Apelam ao govêrno Federal para que tome medidas em sua defesa e à solidariedade ativa de seus irmãos camponeses e operários de todo o País.

O apêlo dos camponeses repercutiu intensamente na Assembléia Estadual da Bahia, onde foi constituída urgentemente uma comissão de inquérito para apurar os fatos.

A presteza e a fúria com que o "democrata" Juraci Magalhães se lançou contra os camponeses de Belmonte é mais uma demonstração do seu ódio ao povo, do seu servilismo diante dos latifundiários. Êsse mesmo governador policial é que se proclama a todo instante um democrata, em nome do que é um dos mais raivosos anticomunistas do País. Êste é, enfim, o candidato de Lacerda a senador pela Guanabara.

CARIOCAS REALIZARAM SUA CONVENÇÃO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL: DIAS 3 E 4

Durante os dias 3 e 4 de agôsto corrente realizou-se, na antiga Câmara de Vereadores do Distrito Federal, a Convenção da Guanabara do Congresso de Libertação Nacional. Participaram dos trabalhos da reunião representações dos núcleos de bairros da Frente de Libertação Nacional, delegações de sindicatos e federações de operários, da Liga Feminina da Guanabara, das entidades estudantis, de associações de lavradores, de partidos políticos (PST, PTB, PSB, PSP e movimento comunista) e do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, além de numerosas personalidades.

Presidiu a Convenção o general Gilberto Saturnino Alvim e secretariaram as sessões os coronéis Oscar Bastos e Luiz Bayardo, da Comissão Executiva Nacional da Frente de Libertação Nacional.

Depois de dois dias de debates, a Convenção resolveu homologar o Manifesto de Convocação do Congresso de Libertação Nacional, a Declaração de Goiânia, as conclusões do XXV Congresso Nacional dos Estudantes e as resoluções do I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, realizado em novembro do ano passado em Belo Horizonte.

Foram aprovadas moções de aplausos às conclusões do Congresso Mundial pelo Desarmamento Geral e pela Paz, realizado recentemente em Moscou, e de defesa da construção naval, da Petrobrás e da indústria ferroviária, além de um pronunciamento pela constituição imediata da Aerobrás.

Apresentado pela Liga Feminina, foi aprovado pelo plenário um plano de luta popular contra a carestia de vida.

A delegação da União dos Servidores do Estado da Guanabara propôs à Convenção a realização de um estudo sôbre a política financeira e credial do Estado da Guanabara, particularmente sôbre os financiamentos do BID.

Por unanimidade a Convenção pronunciou-se pela intransigente defesa da Revolução Cubana e votou uma moção de louvor aos realizadores e intérpretes do filme brasileiro «O Pagador de Promessas», laureado com o prêmio máximo do festival cinematográfico de Canes, na França.

DELEGAÇÃO DA GUANABARA AO CONGRESSO

Na sessão de encerramento foi eleito e empossado o colegiado que dirigirá a Frente de Libertação Nacional da Guanabara. Está compôsto de 60 membros, em sua maioria dirigentes sindicais, estudantis e de organizações femininas e populares.

Decidiu-se igualmente enviar ao Congresso de Libertação Nacional, a realizar-se em São Paulo, nos dias 21, 22, 23 e 24 do corrente, uma grande delegação guanabarina. Os trabalhos de organização da representação carioca já estão em andamento sabendo-se que mais de duzentos delegados já confirmaram sua presença na capital paulista durante os dias do Congresso.

A Cidade

Ana Montenegro

Declaração inútil

A "DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA" votada, em 1959, na Assembléia Geral da ONU, por 78 nações, inclusive o Brasil, preconiza, entre outros direitos específicos, que "A criança gozará proteção contra quaisquer formas de negligência, crueldade e exploração". Mas, crianças foram assassinadas no Congo e na Argélia. São assassinadas onde quer que as suas vidas possam contribuir para prolongar a vida ociosa dos ricos e dos poderosos. Dos colonialistas, dos latifundiários, dos grandes produtores, dos monopolistas e dos banqueiros.

Já em 1924, a Liga das Nações havia proclamado os mesmos direitos, através da "Declaração de Genebra". E os nazistas, com todos os requintes de crueldade, assassinaram milhões de crianças. E aqui, e em todos os países dependentes e subdesenvolvidos, nenhuma declaração, feita com tôdas as palavras bonitas do grande vocabulário do imperialismo, salvou qualquer criança de morrer de fome. Mas, agora, não se trata mais de aplicar à população infantil as fórmulas tão nossas conhecidas de abandono e miséria. Já não se trata mais, e apenas, de negociar o futuro e a sobrevivência das crianças no mercado interno, por lucros cada vez mais elevados, e no mercado externo por alguns dólares e algumas latas de leite em pó. Trata-se de matar criança de 11 anos, como aconteceu em Sapé, na Paraíba. Nem mesmo a carta real das capitanias, que dava a seus donatários a vergonhosa liberdade de escravizar e até matar índios e negros, não falava do "direito" de matar crianças. Mas êsse "direito" foi incluído, agora, no código desta sociedade cristã, em que vivemos.

Onde estão as organizações de proteção à infância, para protestar contra êsse atentado monstruoso à vida de uma criança? Onde estão as organizações, que andam de pires na mão, em nome dessa infância desprotegida? Ou nesta sociedade só funcionam as associações de proteção aos animais? Os cães são vacinados, mas tôda a família de Elizabete Teixeira — seus 11 filhos — está ameaçada de morte. Seu filho, Pedro Paulo, agoniza num hospital, em Sapé. Seu marido foi assassinado. E tôdas as declarações não salvarão nem os filhos de Elizabete, nem as demais crianças camponesas da negligência, da crueldade e da exploração desta sociedade. A salvação está na luta pela libertação nacional. Na luta pela reforma agrária.

Ministro Balkow: Trocas Brasil-RDA Podem Aumentar Para US$ 60 Milhões

Na entrevista coletiva que concedeu aos jornalistas de São Paulo e desta capital, horas antes da inauguração da Exposição, o engenheiro e economista Julius Balkow, ministro do Comércio Exterior e Interior da RDA abordou uma série de problemas atuais, entre os quais as amplas possibilidades existentes para a ampliação do comércio entre o Brasil e a RDA, a questão do Mercado Comum Europeu, o propalado empréstimo que seu país teria solicitado à Alemanha Ocidental e outros. Antes de responder às perguntas dos jornalistas, o ministro Balkow leu uma declaração, onde, depois de saudar os presentes e agradecer a colaboração das autoridades brasileiras e paulistas para a realização da Exposição, e tecer considerações sôbre a política da RDA nas suas relações com o Exterior, apresentou cifras convincentes sôbre o desenvolvimento do comércio brasileiro-germano-oriental.

COEXISTÊNCIA PACÍFICA

"O govêrno da República Democrática Alemã — disse o ministro — aplica em sua política estritamente os princípios da coexistência pacífica e empenha-se em manter relações amistosas com todos os países, independentemente de sua ordem social. O que o povo e o govêrno da República Democrática Alemã mais desejam é manter e fortalecer a paz, e, para a execução desta nobre tarefa, servem diversas propostas feitas pelo govêrno e pela Câmara do Povo da RDA, relativas aos problemas atinentes à Alemanha, bem como à política internacional. A posição dos Estados Unidos do Brasil e o ponto de vista do seu govêrno em relação a problemas decisivos, como sejam os da manutenção da paz, da coexistência pacífica, do desarmamento completo e geral, da conclusão de um pacto de não-agressão entre os Estados membros da OTAN e do Pacto de Varsóvia, da suspensão das provas nucleares e do direito inegável dos povos, garantido pela autodeterminação nacional, encontram na República Democrática Alemã a mais viva atenção. A atitude dos Estados Unidos do Brasil coincide perfeitamente com a opinião do povo e do govêrno da República Democrática Alemã e êste fato tem constituído motivo de nossa mais sincera satisfação.

EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO BRASIL-RDA

"O Comércio Internacional, oferecendo direitos iguais e concedendo vantagens mútuas, ocupa uma posição predominante em relação à manutenção e consolidação da paz, uma vez que sòmente êle consegue unir amistosamente todos os povos, independentemente de sua ordem social e do desenvolvimento de sua economia nacional. O comércio desempenha atualmente um importante papel como mediador entre o Oeste e o Leste. O govêrno da República Democrática Alemã é de opinião que a ampliação do comércio exterior deve processar-se sem qualquer restrição, em regime de direitos iguais, permitindo vantagens recíprocas e condena tôdas as práticas comerciais que venham a prejudicar o seu parceiro. Assim sendo, compreendemos e compartilhamos da apreensão dos círculos econômicos do Brasil, no que se refere à política econômica pouco satisfatória de certos grupos."

O ministro Julius Balkow fêz, em seguida, um ligeiro esbôço do que tem sido o comércio entre o Brasil e a República Democrática Alemã, desde o seu início efetivo, em 1956:

"O comércio entre a República Democrática Alemã e o Brasil desenvolveu-se num clima de vantagens mútuas e desde a conclusão de um ajuste entre os Bancos da RDA e do Brasil, no ano de 1958, êste intercâmbio é caracterizado por um índice sempre crescente. Na América Latina, o Brasil tornou-se um parceiro comercial importante da RDA. O volume total do comércio entre o Brasil e a República Democrática Alemã, nos anos de 1959 a 1961, atingiu a importância de 66,2 milhões de dólares, sendo 32,5 milhões referentes à exportação da RDA e 33,7 milhões à exportação brasileira. A expansão do comércio nos últimos anos tem sido considerável. Em 1959, as exportações brasileiras alcançaram apenas 6,2 milhões de dólares e a correspondente importação da RDA sòmente 2,7 milhões; mas, já em 1961, a exportação brasileira para a RDA atingiu 15,5 milhões e a importação 16,9 milhões de dólares.

Os fornecimentos brasileiros, nos anos de 1959 a 1961, distribuiram-se da seguinte maneira:

Café	26 milhões de dólares (570 mil sacas)
Fumo	2,7 milhões de dólares
Cacau, sisal, óleos e outros produtos	5 milhões de dólares

Quanto às exportações da República Democrática Alemã para o Brasil, obedeceram à seguinte distribuição:

Máquinas operatrizes	9,2 milhões de dólares
Máquinas rodoviárias	6,6 milhões de dólares
Máquinas gráficas e de off-set	1,6 milhão de dólares
Máquinas agrícolas	2 milhões de dólares
Cloreto de Potássio	4,1 milhões de dólares
Produtos químicos	2,7 milhões de dólares
Máquinas para escritório	1,1 milhão de dólares."

MENOS DE 1%

O desenvolvimento já alcançado pelo comércio entre o Brasil e a RDA, entretanto, ainda está longe de traduzir as reais possibilidades existentes para sua expansão. A propósito, disse o ministro Balkow: "Apesar do desenvolvimento considerável do comércio entre os nossos países, a participação brasileira no volume do comércio exterior da RDA é ainda muito insignificante, pois é de menos de 1%.

O comércio exterior da RDA alcançou em 1960 a soma de 4,364 bilhões de dólares, assim distribuídos: 3,262 bilhões de dólares abrangeram o comércio com países socialistas; 450 milhões referem-se ao comércio interalemão e entre a RDA e Berlim Ocidental; finalmente, 625 milhões de dólares correspondem ao intercâmbio com os demais países não-socialistas. O comércio com o Brasil atingiu, em 1960, cêrca de 25 milhões de dólares e, em 1961, aproximadamente 33 milhões de dólares. Prevemos, no entanto, possibilidades reais de incrementar o intercâmbio entre os nossos países para 50 a 60 milhões de dólares.

Partindo destas considerações, a finalidade da Exposição Industrial da República Democrática Alemã em São Paulo — no mais importante centro industrial e comercial do Brasil — consiste em familiarizar os compradores brasileiros com o desenvolvimento e a oferta da indústria da RDA, contribuindo desta maneira para a ampliação das nossas relações comerciais."

5.ª POTÊNCIA INDUSTRIAL DA EUROPA

O ministro Julius Balkow passou, depois, a alinhar algumas cifras reveladoras do impressionante desenvolvimento industrial do seu país, sob o regime socialista. Disse êle: «A economia nacional da RDA desenvolve-se vigorosamente. Apesar das condições econômicas originalmente desfavoráveis, a RDA tornou-se um Estado industrial altamente desenvolvido e, de acôrdo com a sua produção industrial, ocupa hoje o 5º lugar na Europa e o 8º no mundo. A RDA é um dos mais importantes fornecedores (exportadores) de máquinas operatrizes e máquinas de transportes, ocupa um lugar de destaque entre os países exportadores de máquinas têxteis, gráficas, artigos de mecânica de precisão e óticos. No que se refere à produção «per capita» na indústria química, a RDA está em segundo lugar após os Estados Unidos e, pelo volume absoluto de sua produção, em 8º lugar no mundo. Êstes dados, por si sós, refletem o rápido desenvolvimento da economia popular, bem como o alto índice de desenvolvimento alcançado pela RDA.

Na mesma medida da produção industrial, também aumentou o volume do comércio exterior, o qual, por exemplo, de 1956 a 1960, elevou-se de 2 bilhões para 4,3 bilhões de dólares. O plano setenal da economia da RDA, baseando-se no desenvolvimento estável e planificado, prevê uma considerável ampliação do comércio exterior.»

ECONOMIAS COMPLEMENTARES

"O fundamento econômico real para a ampliação do comércio entre o Brasil e a República Democrática Alemã reside na complementariedade das nossas duas economias. «Devido ao rápido desenvolvimento da economia nacional da RDA — disse o ministro Balkow — as possibilidades para a expansão do comércio são enormes, especialmente porque a RDA, sendo um país pobre em matérias-primas, depende da importação de um grande número de produtos agrícolas e minerais, bem como da importação de certas matérias básicas. Para muitos dos seus produtos de exportação tradicional o Brasil encontraria mercado de boa receptividade na RDA. Para garantir o contínuo desenvolvimento da economia nacional, recomenda-se a estruturação de relações comerciais em bases sólidas, estabelecendo condições a longo prazo a fim de assegurar a permuta de mercadorias durante um período prolongado e, desta maneira, conferindo ao comércio maior estabilidade e tendências constantes. Por isso, a RDA defende a tese de que o comércio bilateral garante a ambos os lados a venda dos produtos respectivos e evita o desembôlso de divisas.

Tendo em conta as necessidades do Brasil, existem, sem dúvida alguma, possibilidades para uma colaboração técnico-científica por parte da RDA, ajudando o Brasil no aproveitamento de suas riquezas e na implantação de um parque industrial moderno. Desejo frisar, especialmente, e por esta razão repito mais uma vez, que a RDA considera fator predominante as relações amistosas entre todos os povos, como uma valiosa contribuição à manutenção da paz. Estou firmemente convencido de que a Exposição Industrial da República Democrática Alemã em São Paulo servirá como elo de amizade e compreensão entre os nossos dois países."

MONOPÓLIOS E MERCADO COMUM EUROPEU

Passando a responder às perguntas formuladas pelos jornalistas, o ministro Balkow assim contestou à indagação de se o Mercado Comum Europeu prejudica a economia da República Democrática Alemã:

— Mercado Comum Europeu é uma entidade que abarca certos grupos monopolistas da Europa Ocidental, vinculados aos respectivos governos. É difícil compreender certas afirmações, como as feitas pelos membros daquela comunidade, segundo as quais o MCE visa a facilitar o comércio internacional. Fora da área socialista, os problemas de mercado apresentam a tendência a um constante agravamento. Assim, o Mercado Comum Europeu é, essencialmente, uma tentativa de defender os interêsses dêsses monopólios às custas dos países menos fortes e até mesmo dos monopólios menos fortes. No que se refere ao comércio da RDA com o Mercado Comum, foi possível incrementá-lo nos últimos anos, graças à estrutura da RDA. Analisando os resultados da Conferência de Bruxelas, dedicada aos produtos agrícolas, verifica-se que aquêles países cuja economia apóia-se fortemente na agricultura, ou que se encontram em processo de desenvolvimento industrial, deverão sofrer bastante. Essa opinião é dos próprios membros do Mercado Comum Europeu, que têm em vista, neste caso, a diversidade de tarifas aplicadas aos mesmos produtos, conforme provenham êles da África ou da América Latina.

Por esta razão, defendemos o comércio bilateral, baseado em direitos iguais, como o verdadeiro comércio.

O ALEGADO EMPRÉSTIMO DA ALEMANHA OCIDENTAL À RDA

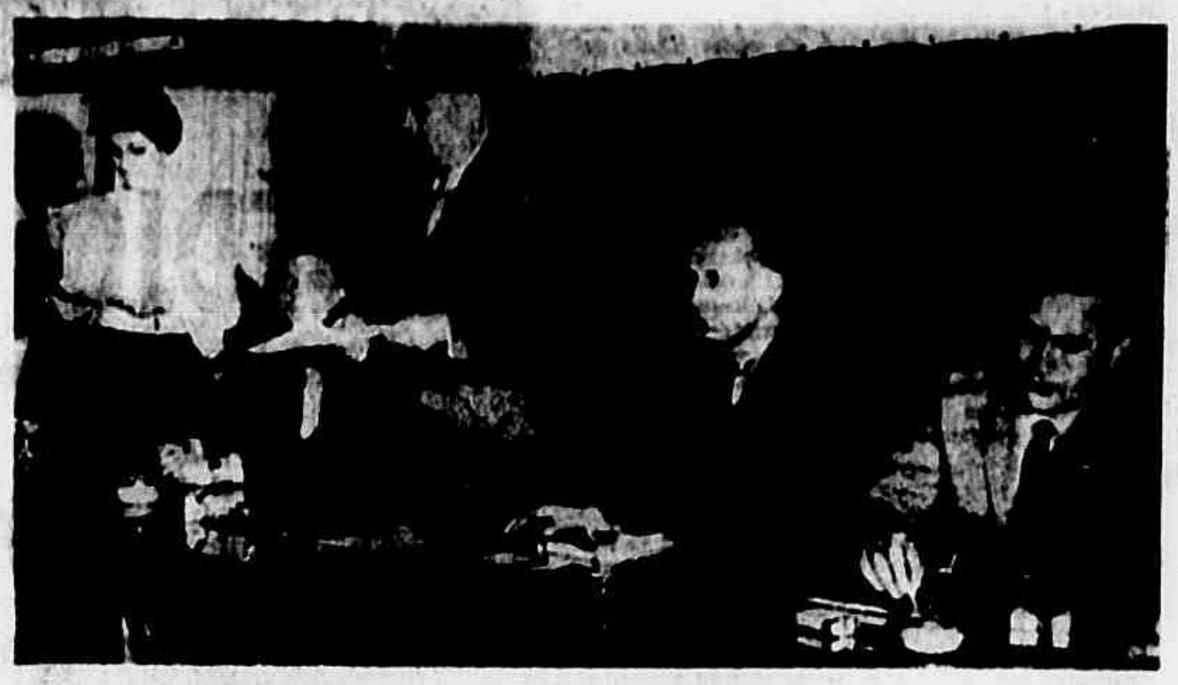
A uma outra pergunta referente ao propalado empréstimo que a RDA teria solicitado à Alemanha Ocidental, disse o ministro Balkow:

— Já me referi, anteriormente, ao impetuoso desenvolvimento da República Democrática Alemã, onde são feitos investimentos anuais de bilhões de dólares. Em relação com êstes projetos de desenvolvimento, existia e ainda existe o propósito de adquirir equipamentos completos para nossa indústria, no Ocidente. A República Federal Alemã é um parceiro ocidental com que mantemos considerável volume de comércio. Em fevereiro dêste ano, foram apresentadas ao ministro da Economia da República Federal Alemã propostas para aquisição dêsse equipamento nas condições normais em tais casos. Parece que há referência a um oferecimento de centenas de milhões de dólares da Alemanha Ocidental à RDA. De fato, o que se dá é que negociamos com a RFA em condições comerciais normais, o que quer dizer a um prazo de 180 dias. Entretanto, para a aquisição de equipamentos completos, a República Democrática Alemã pleiteou o mesmo prazo concedido pela RFA em suas transações com outros países, isto é, prazos de 3 a 5 anos. O assunto vinha sendo debatido por ambos os lados, sem publicidade, mas a República Federal Alemã decidiu divulgá-lo, visando com isto a obter dividendos políticos. Se os srs. foram informados de que a República Federal Alemã recusou nossa proposta, então saibam que isto é falso. As discussões continuam. De resto, 125 milhões de dólares não são uma quantia desprezível...

Por outro lado, estamos recebendo propostas para o fornecimento dêsses equipamentos por parte de terceiros países, em condições satisfatórias e penso que vamos aproveitar essas ofertas. A Inglaterra, a Bélgica, a Itália oferecem de 3 a 7 anos de prazo e não apresentam condições políticas. A divulgação das negociações pela República Federal teve em vista insinuar que a RDA necessita de empréstimos. No entanto, os srs. sabem que existem publicadas estatísticas sôbre a dívida externa dos países. Examinem-nas. Mas, para facilitar o trabalho, eu sugeriria que começassem por baixo, pelo exame das menores cifras. Nós jamais solicitamos empréstimos do Plano Marshall e tudo o que somos devemos ao nosso esfôrço. Obtivemos créditos da União Soviética, que é o nosso único credor. Não temos necessidade de comprar carvão de pedra à República Federal Alemã, pois tanto a URSS, como a Polônia nos venderão o que quisermos comprar. Entretanto, compreendemos a nossa responsabilidade nacional. Sabemos que há regiões na Alemanha Ocidental onde existe muito carvão, mas as minas estão fechadas, obrigando os mineiros desempregados a ir buscar trabalho em outras regiões. Fazemos, portanto, nossas encomendas à República Federal inclusive para melhorar a situação dos mineiros sem trabalho. Não concordamos e com a demagogia nas relações entre dois Estados que falam a mesma língua.

ENTREPOSTO EM ROSTOCK

Foi perguntado ao ministro Balkow se o govêrno brasileiro já respondera ao oferecimento feito pela RDA para o estabelecimento de um entreposto livre de café no pôrto de Rostock, a exemplo dos já existentes em Triestre e Beirute. Disse o ministro que ainda não havia recebido uma resposta brasileira em têrmos definitivos. Esclareceu, também, que teríamos vantagens com o referido entreposto, pois, entre outras razões, Rostock é o pôrto ocidental dos países socialistas.



COMÉRCIO FAZ AMIGOS

Na entrevista coletiva que concedeu à imprensa, o ministro Julius Balkow (na foto, de pé), mostrou o progresso já alcançado no comércio entre o Brasil e a República Democrática Alemã, as possibilidades que tem para desenvolver-se e respondeu a uma série de perguntas sôbre o Mercado Comum Europeu, a lenda do empréstimo da Alemanha Ocidental à RDA, o entreposto oferecido ao café brasileiro em Rostock e outras questões.

MAIS CAFÉ

Respondendo a outra pergunta, declarou o sr. Julius Balkow que tanto com a missão Dantas — com a qual foi assinado um protocolo —, como com uma outra chefiada pelo deputado Arnaldo Cerdeira, a RDA manifestou seu desejo de ampliar as compras de café brasileiro. Lembrou que, em 1961, a RDA importou 28 mil toneladas de café (mais de 460 mil sacas), das quais 12 mil toneladas, ou 200 mil sacas, do Brasil. Entretanto, para os próximos anos, as vendas brasileiras poderão elevar-se, no mínimo, a 18-20 mil toneladas anuais. "Somos de opinião, disse o ministro, que é mútuamente vantajosa a conclusão de um acôrdo especial para a exportação de 100 mil toneladas de café brasileiro nos próximos 5 anos, prevendo-se o pagamento em mercadorias de que o Brasil tem necessidade e normalmente importa. Aguardamos, a respeito, a proposta brasileira, e pensamos que o acôrdo poderá ser concluído mais tarde, quando ambas as partes estiverem melhor preparadas."

Manifestou, ainda, o ilustre visitante que a República Democrática Alemã gostaria de ampliar ainda mais suas compras no Brasil, mas isto pressupõe o aumento das compras do Brasil na RDA. "Há alguns dias, o comércio entre o Brasil e o meu país apresentava um crédito de 750 mil dólares favorável ao Brasil, mas não estamos interessados em dever ao Brasil." Também seria do interêsse dos dois países a elevação do crédito técnico, atualmente fixado em 2 milhões de dólares — disse ainda.

ALTO NÍVEL DE VIDA

Por fim, o ministro Balkow citou alguns índices do nível de vida na RDA, em resposta a uma pergunta específica. Declarou que o salário médio mensal é de 500 marcos, mas o aluguel é relativamente baixo: de 50 a 60 marcos por um apartamento de dois quartos e cozinha. Ao mesmo tempo, chamando a si uma série de encargos sociais, como assistência médica, dentária, hospitalar, instrução, material escolar, etc., o Estado deixa livre ao operário uma ponderável parcela do seu salário. "Dou o meu próprio depoimento pessoal, disse o ministro. Antes de 1933, para estudar e formar-me em engenheiro de máquinas, tinha que trabalhar durante o dia e estudar à noite. Depois que mandamos Hitler embora, tive oportunidade de estudar economia e já aí recebia uma bôlsa de 300 marcos por mês, sem necessidade de trabalhar. Os preços dos alimentos são baixos e as despesas sociais mínimas. Todos os trabalhadores têm férias anuais de 15 a 30 dias e podem fazer uma viagem de recreio por apenas 30 marcos..." — concluiu.

Máquinas Modernas em Troca de Café é Proposta da Alemanha Democrática

Desde o dia 3 do corrente, está funcionando em S. Paulo, no edifício do Museu de Arte Moderna (Parque Ibirapuera), a Primeira Exposição Industrial da República Democrática Alemã, no Brasil. Das 15 às 23 horas, todos os dias, com exceção das segundas-feiras, milhares de pessoas, notadamente jovens estudantes de carreiras técnicas, homens de negócios, engenheiros, operários, visitam a exposição, admirando os dois mil e quatrocentos objetos distribuídos por uma área de pouco menos de 5 mil metros quadrados. Até o dia 26 do corrente estará aberta a exposição.

MÁQUINAS DE GRANDE PORTE

No exterior do pavilhão, defronte da porta de entrada, dois longos tubos de ferro, aos quais estão amarradas quatro faixas, anunciam a Exposição, mas os visitantes também poderão guiar-se por um artístico painel de ladrilhos côr de abóbora no qual se lê, em letras pretas: Exposição Industrial da República Democrática Alemã. Entre as duas colunas de ferro, no tôpo, o emblema nacional da RDA.

A atenção dos visitantes é desde logo atraída para algumas das 60 máquinas de grande porte distribuídas ao ar livre, defronte da entrada principal do Museu. Trata-se de máquinas para a agricultura, construção de estradas e motores para embarcações de pequena tonelagem. Jovens técnicos alemães, postados junto às máquinas, atendem aos visitantes com solicitude, demonstrando o funcionamento das unidades expostas.

ÚLTIMA PALAVRA DA TÉCNICA

Logo à entrada, encontra-se um painel com grandes fotografias do presidente João Goulart e do primeiro-ministro Walter Ulbricht, ladeando a bandeira do Brasil e a da República Democrática Alemã. Em seguida, ao longo do amplo salão, com apurado gôsto, acham-se dispostas as máquinas e seções da exposição. Num piso mais elevado, encontram-se artigos da indústria ótica e de precisão.

Numerosas máquinas, algumas totalmente desconhecidas do público e mesmo dos meios especializados brasileiros, ao passo que outras já provadas pelo uso entre nós, podem ser encontradas. Destinam-se tanto a indústria leve, como à pesada.

Entre as máquinas expostas, anotamos informações sôbre as seguintes:

— uma têxtil — a "Malimó" — que permite a fabricação de panos sem a clássica operação de tecelagem, processo que se traduz numa redução substancial do tempo de trabalho. O pano assim manufaturado não se distingue, pela sua estabilidade, aspecto e valor comercial, dos panos tecidos. Essa máquina é completamente original, única no mundo inteiro.

— No que se refere a máquinas para escritório, a exposição apresenta, entre outros, diversos tipos de máquinas de contabilidade acopladas com computadores eletrônicos.

— no domínio da indústria de plásticos, são exibidas máquinas moderníssimas, entre elas uma prensa automática de moldagem.

— quanto às máquinas gráficas, das quais a Alemanha é um produtor tradicional, os visitantes da Exposição poderão conhecer a «OMI», produzida em Leipzig. Nessa máquina, o percurso da fôlha de papel é feito por sucção de ar, sem a intercalação de fitas ou rolos, desde a pilha de entrada até a saída, sendo visível pelo operador em qualquer ponto onde se encontre. Mais de 50 países de todo o mundo já usam a «OMI», da qual foram já produzidas mais de 10 mil unidades.

— outra novidade é um aparelho transportável para raios X, que pode fazer radioscopias tanto na posição horizontal, como na vertical.

— Na seção de ótica, há dezenas de instrumentos, aparelhos e objetos, garantidos pela famosa marca «Zeiss», da cidade de Jena, na República Democrática Alemã.

— grande variedade de objetos é também encontrada na seção de química, como tintas de impressão para quaisquer fins, matérias primas para as indústrias farmacêuticas e cosmética, materiais de filme, etc.

Além destas, há uma infinidade de outras máquinas, algumas totalmente automáticas (para a fabricação de cigarros, à razão de 1.500 unidades por minuto, para a produção de bombons, para misturar areia para produção de moldes de metalurgia, etc.).

CESSÃO OU VENDA DE PATENTES

Na Exposição também poderão ser feitas transações em tôrno de patentes e marcas registradas. Assim, no «stand» da Organização do Comércio Exterior LIMEX, os interessados poderão colhêr informações sôbre concessão e aquisição de licenças, direitos de fabricação, obtenção de documentação técnica e trabalhos correlatos de assistência técnico-científica. Isto se refere tanto aos contratos de exploração de patentes e marcas registradas, como à aquisição ou venda de direitos dessa natureza. Com a exposição, os contatos já anteriormente estabelecidos entre firmas brasileiras e a RDA poderão ser bem incrementados.

A INAUGURAÇÃO

A festa inaugural da Exposição realizada às 16 horas do dia 3 de agôsto constituiu um acontecimento marcante na capital bandeirante. Com a presença de numerosas autoridades — representantes do governador do Estado, do prefeito Prestes Maia, dos Ministérios das Relações Exteriores, Indústria e Comércio, da 4.ª Zona Aérea, da Comissão Naval em São Paulo —, além de representantes da Federação das Indústrias de S. Paulo, de diversos sindicatos e outras organizações industriais e comerciais, falou, inicialmente, o dr. Werner Foerster, chefe da Representação Comercial da República Democrática Alemã no Brasil. Seguiu-se com a palavra o ministro Julius Balkow e, finalmente, discursou o secretário Arlovaldo de Carvalho, em nome do prefeito da capital, desatando a fita simbólica e declarando inaugurada a mostra.

Em contato com alguns dos visitantes, nossa reportagem ouviu palavras de admiração pelos objetos expostos, prova insofismável do elevado grau de desenvolvimento industrial já atingido pela República Democrática Alemã.

REVOLUCIONÁRIA

Esta é a máquina têxtil "Malimó", que fabrica panos sem a clássica operação de tecelagem. O pano manufaturado por esta máquina revolucionária é tão bom quanto o confeccionado pelos demorados processo até aqui usados.

VISTA GERAL

Em quase cinco mil metros quadrados, a Alemanha Democrática está expondo em São Paulo cêrca de 2.400 objetos industriais, inclusive 60 grandes máquinas, a última palavra da técnica. Aí está uma vista tomada no interior do Museu de Arte Moderna, em São Paulo, onde se acha a Exposição.

SEDE DE LUCROS NÃO TEM LIMITES

REMÉDIO MALDITO GERA MONSTROS NO MUNDO OCIDENTAL

Foi em 1959 que esta triste história teve início. Mais uma história triste, desumana e hedionda que certamente há de pesar quando do julgamento final de um sistema social que considera a própria vida humana como um instrumento a mais de conquista de lucros, como um meio de obtenção de riquezas, apesar de isso implicar na própria eliminação de sêres humanos.

Foi na Alemanha Ocidental de Adenauer e Joseph Strauss, pai do revanchismo militarista, foi na mesma Alemanha dos tristes memórias de experiências científicas inéditas praticadas sôbre judeus e semitas em geral, de sabões à base de gorduras humanas, de tecidos fiados com cabelos humanos que essa história teve início.

Essa história triste e hedionda é a da última «epidemia» de nascimentos de crianças deformadas, de pequeninos monstros, que pagam pela irresponsabilidade de laboratórios farmacêuticos inidôneos, a cuja mercê se encontra a própria população dos países capitalistas.

DOIS NOMES REPUGNANTES

O nome da droga que provoca o nascimento de monstros é «talidomida». A anomalia tem o nome científico de «focomelia», palavra formada de raízes gregas que significam «extremidades de foca». O têrmo designa com bastante sugestão a característica principal da enfermidade, já que os filhos nascidos de mães que tenham ingerido a droga apresentam os membros superiores de forma que lembra as extremidades das focas: acham-se ausentes ou defeituosos os ossos entre a mão e o ombro; as mãos ou dedos rudimentares partem diretamente da extremidade do osso afetado, à maneira das membranas natatórias das focas.

As principais outras características da anormalidade são as seguintes: ausência de capacidade preênsil; as mãos partem de junto ao ombro; ausência ou defeito do osso rádio; comprometimento de ambos os lados da criança; defeitos nas pernas; e, em alguns casos, ausência do ouvido externo e anomalias no canal auditivo. Também pode ocorrer paralisia de um dos lados do rosto. O nariz apresenta-se achatado, formando o chamado nariz-de-sela. Há defeitos de mobilidade do estômago, acarretando obstruções do aparelho gastro-intestinal. Também podem surgir malformações do coração.

E a grande maioria das crianças, portadoras de defeitos tão mutiladores, como se pode ver nas fotografias, são de mentalidade normal.

TALIDOMIDA, A DROGA MALDITA

Tudo começou quando o laboratório Ciba, em 1954, elaborou a droga pela primeira vez. Seus técnicos observaram, então, que ela não produzia nenhum efeito em animais, tendo sido posta de lado. No ano de 1958, o laboratório Gruenenthal, da Alemanha Ocidental, melhorou a droga, fazendo novas experiências com animais, tendo-se mostrada inofensiva aos mesmos. Aqui se deve frisar que, apesar dêsses resultados alcançados pelas experiências elaboradas pelo laboratório produtor do medicamento, os cientistas recentemente informaram que, em testes com coelhos, obtiveram a reprodução de anormalidades «notàvelmente semelhantes às das crianças», da mesma forma que em ratas.

O mecanismo pelo qual foi determinada a indicação específica da droga é algo igualmente chocante. O laboratório Gruenenthal inicialmente colocou-a no mercado como sendo útil no tratamento da epilepsia, pelos seus efeitos anticonvulsivos. Logo, entretanto, verificavam que eram totalmente inócuo na epilepsia, mas que podia provocar o sono. E podia provocar o sono como nenhum outro sedativo até então conhecido. Pelas vantagens apregoadas, passou a ser de amplo consumo principalmente entre as gestantes, que nos primeiros três meses de gravidez, sofrem, em sua maioria, de insônia. Essas gestantes não sabiam que, ingerindo o tal sedativo, exatamente no período inicial de formação do embrião, estavam marcando seus filhos com as mutilações cruéis acarretadas pela droga maldita.

Uma das razões apregoadas pela propaganda do remédio Contergan, que é o nome comercial que teve na Alemanha Ocidental o produto à base da talidomida, era de que com ela era impossível alguém suicidar-se. A talidomida conquistava amplo uso não só na maioria dos lares, mas era usada, indiscriminadamente, em todos os hospitais e asilos de psicopatas da Alemanha Ocidental.

Em seu afã de lucro, o laboratório produtor da droga acabou por obter a sua preparação sob a forma líquida destinada a crianças. No dizer da especialista norte-americana em anormalidades congênitas, Dra. Helen Taussig, a droga transformou-se na «ama-sêca da Alemanha», já que podia acalmar crianças sem maiores perigos.

Os lucros do laboratório cresciam e o Contergan era produzido às toneladas. Seu preço tornava-se cada vez mais accessível. As farmácias dispensavam receita médica para venda do remédio. A talidomida passava a ser acrescentada aos remédios antigripais, por seu valor calmante e sedativo.

A droga causa mesmo em elementos do sexo masculino adultos diversas perturbações, tendo sido observado que o seu uso mais ou menos constante acarreta o aparecimento de tremores das mãos, distúrbios sensoriais, atrofia do dedo polegar e distúrbios de movimento. No caso de não ser suspenso o uso da droga, êsses sintomas podem tornar-se incuráveis.

A maioria dos países capitalistas não possui regulamentação que permita a proibição ou retirada do mercado de drogas prejudiciais à saúde de forma imediata e sem mais exigências ou formalidades. Basta dizer que, nos Estados Unidos, apesar de parecer contrário ao uso de remédios à base de talidomida, exarado pela Administração de Drogas e Alimentos, o sedativo Kevadon era livremente vendido nas farmácias, sem exigência mesmo de receita médica. A propósito, só recentemente é que o presidente Kennedy, à vista da envergadura do problema acarretado pela talidomida e outros remédios, solicitou do Congresso americano que elaborasse lei tornando mais eficiente a intervenção governamental no mercado da indústria farmacêutica.

O Ministro da Saúde Pública da Bélgica, a propósito da apreensão da talidomida, declarou, no dia 29 de maio: «Na Bélgica, os regulamentos não permitem ao Departamento da Saúde submeter a condições especiais o registro de um nôvo remédio».

É interessante observar que, no mesmo dia em que o Ministro belga fazia essa declaração, a Sra. Suzanne Van Deputte, que mora em Liège, na Bélgica, não suportando a extrema infelicidade de ver seu filho, deformado pela talidomida, viver com as horríveis mutilações, matava a pobre criança, que tinha apenas seis dias de nascida. A jovem mãe, de 24 anos, seu marido, sua mãe, o médico da família e uma tia da criança acham-se na prisão, envolvidos por crime e cumplicidade de eutanásia.

A FOTO TRISTE

Eis a triste prova. A denúncia cruel de mais um crime que o capitalismo perpetra contra a humanidade. Que nos dirão mais tarde essas infelizes crianças? Que respostas lhes poderão dar seus pais atônitos? Que meio social os aceitará normalmente? Seus olhares tristes, revelam sua mentalidade normal, acentuando ainda mais o aspecto repugnante dessa hedionda história. Perguntamos e não sabemos se alguém explicará um dia a estas crianças a dúvida que muito justamente levantarão: Por que nascemos assim?

O DILEMA DAS MÃES

O conhecimento da natureza das aberrações, que se verificam em proporção surpreendente, tem colocado as gestantes que ingeriram sedativos à base de talidomida, no período inicial da gravidez, diante de dilemas cruciais.

A Sra. Sherry Finkbine, norte-americana, atormentada pela possibilidade de dar à luz um monstro, solicitou autorização legal para fazer um abôrto clínico. Mas nos Estados Unidos, o abôrto só é permitido quando a vida da mãe se acha em perigo. Por isso, a Sra. Finkbine embarcou para a Suécia, onde a legislação lhe permitirá a consecução de seu objetivo.

Uma senhora da Alemanha Ocidental, que se mudara para os Estados Unidos, levou consigo a droga Contergan, que usava normalmente. Meses depois, dava à luz duas crianças gêmeas. Uma delas apresentava as deformações típicas da focomelia e a outra tinha deformações no duodeno, reto e vagina.

Eis um outro caso. Uma senhora esperava gêmeos. Um dêles, aos cinco meses de vida uterina, morre. O outro desenvolve-se com vida, e ambos nascem a têrmo. O primeiro, que morrera, apresentava-se perfeito. O segundo, que sobrevivera, estava deformado.

QUANTOS MONSTROS NASCERÃO?

As perspectivas das estatísticas não são nada consoladoras. A percentagem, antes de 1959, de casos dêsse tipo de deformação era de três por 100.000. Atualmente, essa percentagem é de cinco por 1 000.

Na Alemanha Ocidental, até o fim dêste mês, deverão ter nascido mais de 4 000 crianças portadoras dessa anormalidade.

Na Inglaterra, para o mesmo período, acredita-se que nascerão mais de oitocentas crianças defeituosas. Assim mesmo, êsse cálculo é bastante falho, uma vez que pelo menos 50% das mães que tomaram remédios com talidomida não farão qualquer comunicação às autoridades sanitárias.

Pelas próprias características do emprêgo do remédio, amplamente utilizado pela população, sem qualquer contrôle, os dados estatísticos feitos com antecipação são bastante precários. Em todos os principais países capitalistas fabricava-se e vendia-se sedativo feito com talidomida. Casos de focomelia já foram comunicados nos seguintes países: Suécia, Bélgica, Alemanha Ocidental, Estados Unidos, Suíça, Líbano, Israel, Peru e Canadá.

NO BRASIL TAMBÊM

Em nosso país, a talidomida também foi empregada na fabricação do sedativo denominado Sedalis. Em Campinas, já foi notificada a ocorrência da doença. As autoridades estaduais de São Paulo informaram que grande número de farmácias ainda têm estoque da droga maldita, e que possivelmente pessoas desavisadas ainda a estarão comprando. Também no Recife o remédio se encontra sendo vendido abertamente em tôdas as farmácias, sem prescrição médica.

O VATICANO

Diante de tão repugnante desprêzo pela vida humana, diante de tôda essa desenfreada sêde de lucros, onde o homem se transforma em um simples número nas mãos de industriais despidos dos mínimos considerações de respeito à dignidade de nossa própria existência, que faz o Vaticano? Condena veementemente os laboratórios e seus proprietários responsáveis por tão ignominiosa monstruosidade? Exige dos governos que êsses responsáveis sejam corretamente exemplados? Lança a denúncia dessas podridões do sistema capitalista perante o julgamento do público? Delega aos padres da Igreja a tarefa de recomendar em suas prédicas que as mães se abstenham de ingerir a droga maldita, esclarecendo-as quanto ao seu perigo? Não. O Vaticano não condena os responsáveis. Mas, desvia-se do problema e condena a infeliz mãe norte-americana que busca, na extrema solução do abôrto, evitar que venha a povoar o mundo mais um ser monstruoso, a mãe que procura evitar que sua própria existência se transforme num rosário de martírios e sofrimentos. Que procura evitar que a própria sociedade que fabrica monstros venha mais tarde a execrar seu filho, a transformá-lo em um pária no meio de crianças saudáveis.

Diante disso tudo o Vaticano só pôde dizer: «Todo ser humano, desde o primeiro instante da concepção, tem todos os direitos de pessoa. A vida humana é sagrada.»

TEREMOS CHEGADO AO FIM?

Será que já chegamos ao fim dessa produção em série de monstros? Quem poderá garantir que outras drogas, já existentes ou que venham a ser descobertas, serão inócuas para o ser humano, não trarão as mesmas tristes conseqüências acarretadas pela talidomida?

Uma cientista norte-americana já teve sua atenção chamada para duas outras drogas, cujos radicais químicos são similares à talidomida: a bemegrida e a clortalidona, apresentadas comercialmente sob o nome de Megimide e Hygroton. Não terão elas também efeitos nocivos sôbre o ser humano?

E que dizer da enorme lista de drogas há pouco tempo dada a conhecer pelo Departamento Nacional de Fiscalização da Medicina?

É preciso que se ponha têrmo a tamanha desumanidade. O mundo capitalista parece não se limitar apenas às mazelas sociais e econômicas que já o corrompem, e acrescenta aos sofrimentos dos povos novas agruras, que cada vez mais se revestem de aspectos terrificantes. Os males das guerras, as mazelas das populações desamparadas de Hiroxima e Nagasáqui, as vítimas das irradiações atômicas que ainda hoje nascem e morrem, numa série que parece não mais ter fim, os monstros que uma ciência que se deixa corromper a serviço do lucro vai deformar no interior mesmo dos úteros maternos são o lado negro de um sistema social que nega valôres morais que os próprios apóstolos do capitalismo se põem a apregoar da bôca para fora.

Os pobres meninos-monstros são uma advertência cruel. São um atestado de agonia a um regime que não tem mais futuro.

NOVOS RUMOS